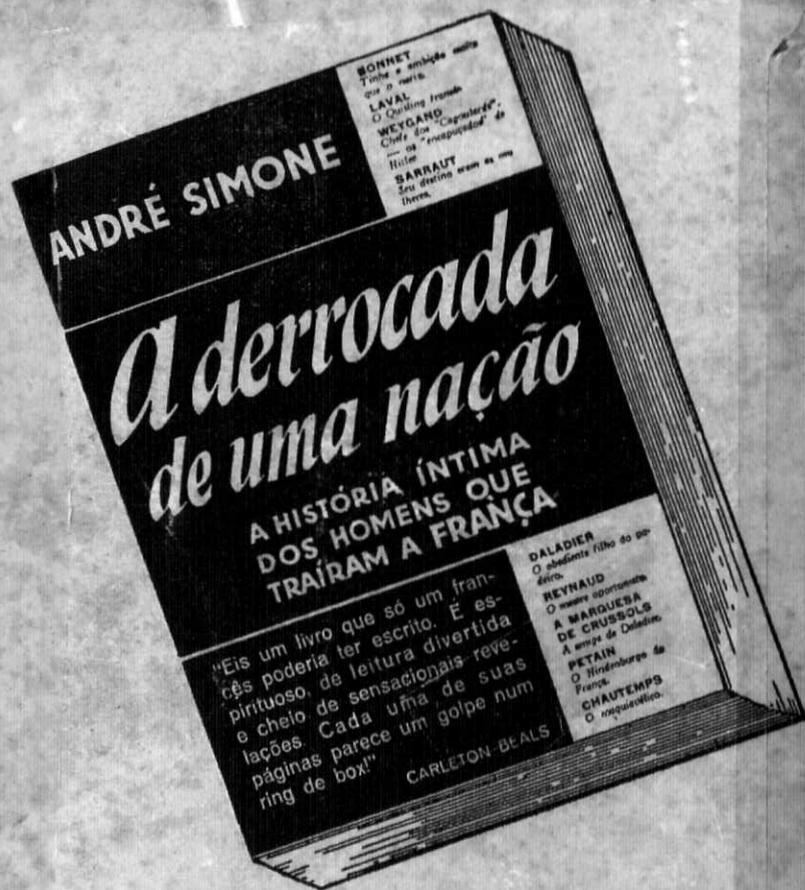


A ruína de uma democracia



Um documento de protesto, de indignação, de angústia e de revolta, no qual um penetrante observador descreve as causas do espetacular colapso da França!

10\$000
EM TODAS AS
LIVRARIAS

Edições Meridiano - Cel. Fernando Machado, 911 - P. Alegre

Oswald Spengler

O Homem e a técnica

UMA CONTRIBUIÇÃO À FILOSOFIA DA VIDA

tradução de ERICO VERISSIMO

EDIÇÕES MERIDIANO

"O HOMEM E A TÉCNICA"

Escrito e publicado após o monumental "A Decadência do Ocidente", o livro que as Edições Meridiano apresentam hoje ao público brasileiro encerra um sumário da filosofia de Oswald Spengler.

Estava ele convencido de que a cultura técnica — a cultura da idade da máquina que o homem criou com a sua capacidade única para a técnica individual, bem como para a racial, — já atingiu seu ponto mais alto e que o futuro só nos reserva catástrofes.

A era mecânica em que vivemos — acha ele — não tem vida cultural progressiva, mas apenas ânsia de poder e de posse. O triunfo da máquina conduz não a menos trabalhadores e menos trabalho, mas a um estado de regimentação em massa. A técnica ditou, pois, o destino da civilização ocidental.

O fim deste livro pequeno mas compacto e cheio de força, é uma peroração filosófica que dificilmente encontrará igual em nossa época.

Todo o volume lança luz sobre o que parecer obscuro a muitos leitores em "A Decadência do Ocidente".

28522

BIBLIOTECA PARTICULAR
JORGE ALBERTO ALVES MARIA

O HOMEM E A TÉCNICA

CONTRIBUIÇÃO
A UMA FILOSOFIA DA VIDA

Jorge Alberto Alves Maria
5.1.49

Rodrigo
SARA
CINCA S
26/10/03

Eficiência; tudo que está no nosso alcance e possibilidade.

Uma empresa ou companhia, como transporte, tem pouca condueca e não der conta de transportar tudo, por falta de veículos, a empresa ou companhia está em eficiência, porque não satisfaz as condições exigidas.

Um ex. prático, uma pedra e dois homens (sendo um masculino e outro feminino), logicos que o homem transportar ou levantar a pedra terá eficiência. Agora a mesma pedra, mas a mulher não poderá levantar haverá deficiência.

Zeno

OSWALD SPENGLER

O HOMEM E A TÉCNICA

CONTRIBUIÇÃO
A UMA FILOSOFIA DA VIDA



1941

EDIÇÕES MERIDIANO
PORTO ALEGRE

Publicado originalmente em alemão com o seguinte título:

“DER MENSCH UND DIE TECHNIK”

1931

1941

OF. GRÁF. DA TIP. THURMANN
Rua 7 de Setembro, 723
Pôrto Alegre

TRADUÇÃO DE

ERICO VERISSIMO

OSWALD SPENGLER

OSWALD SPENGLER nasceu em 1880, em Blankenburg, Alemanha. Estudou matemática, filosofia e história em Munich e Berlim, e de 1907 a 1911 ensinou matemática e física numa escola em Hamburgo. A crise de Agadir em 1911 lhe serviu de incentivo imediato para exaustivas investigações em torno das origens de nossa civilização. Abandonando o magistério, completou em 1914 a primeira versão do volume primeiro de *A DECADÊNCIA DO OCIDENTE*, que permaneceu inédito durante quatro anos. Antes disso nada havia publicado além de sua tese de doutoramento sobre Heráclito.

Durante seus últimos anos de vida, Spengler enchia as horas de lazer com quadros, armas primitivas, quartetos de Beethoven e comédias de Shakespeare e Molière. Eram essas as diversões principais do filósofo, além de passeios a pé às montanhas de Harz e de visitas à Itália. Sob o regime nazista teve a coragem de exprimir o seu desprezo pelo anti-semitismo e no fim caiu das graças do

partido, o qual, entretanto, nada ousou fazer contra ele.

Oswald Spengler morreu em Munich a 8 de Maio de 1936. Por ocasião de seu falecimento, o "New York Times" escreveu num editorial: "A primeira edição de *"A Decadência do Ocidente"* apareceu não apenas antes da ascensão de Mussolini ao poder, mas também muito antes do aparecimento de Hitler. Assim, quando Spengler predizia a volta da ditadura, não estava meramente profetizando um estado de coisas já atingido. Suas profecias cumpriram-se quasi completamente na Alemanha".

Além de *"A Decadência do Ocidente"*, publicou Spengler *"A Hora da Decisão"* e este admirável *"O Homem e a Técnica"* que, segundo o crítico americano Lawrence Stallings é "uma obra de filosofia como ninguém a não ser Spengler nos podia dar com tal amplitude".

PREFÁCIO

NAS páginas seguintes ponho ante os olhos do leitor uns poucos pensamentos tirados de uma obra maior na qual há anos me acho empenhado. Foi minha intenção empregar aqui o mesmo método que em *A Decadência do Ocidente* apliquei exclusivamente ao grupo das culturas superiores para a investigação de seu pre-requisito histórico, ou seja *a história do homem desde suas origens*. Mas a experiência do trabalho anterior mostrou que os leitores em sua maioria não se acham em condições de ter uma visão de conjunto da massa de idéias como um todo, de sorte que assim se perdem nas particularidades dêste ou daquele domínio que lhes é familiar, vendo o resto de soslaio ou então não vendo de maneira nenhuma. Em consequência disso, ficam com uma falsa imagem não só do que escreví, como também do assunto sôbre o qual escreví. Hoje, como então, estou convencido de que o destino do homem só pode ser compreendido se levarmos em conta tôdas as províncias de sua atividade *simultânea e comparativamente*, evitando o êrro de procurar a elucidação de algum problema — por exemplo: o da política, da religião ou o da arte — considerando-o exclusivamente como

um *aspecto* particular de sua existência, na crença de que, isso feito, nada mais resta a dizer.

Neste livro, não obstante, aventurei-me a propor alguns desses problemas. São uns poucos dentre muitos. Acham-se, porém, de tal forma entrelaçados que podem por ora ajudar o leitor a ter uma impressão rápida e provisória do grande segrêdo do destino humano.

ÍNDICE

I — A TÉCNICA COMO TÁTICA DE VIDA..... 13

Processo e meios. — Luta e arma. — Evolução e realização. — A transitoriedade como forma do real.

II — HERBÍVOROS E ANIMAIS DE RAPINA..... 35

O homem como animal de rapina. — "Ser" presa e "fazer" presa. — O movimento como fuga e ataque. — O olho rapace e seu mundo. — A invariável "técnica da espécie" e a técnica inventiva do homem.

III — A ORIGEM DO HOMEM: A MÃO E O INSTRUMENTO 53

A mão como órgão do tacto e da ação. — Diferenciação entre o fabrico das armas e o uso delas. — Liberação relativa à coação da espécie. — "Pensamento do olho" e "pensamento da mão". — Meios e fim. — O Homem como criador. — O ato singular. — Natureza e "arte". — A técnica humana é artificial. — Homem *versus* Natureza. — A tragédia do Homem.

IV — O SEGUNDO ESTADIO: FALAR E EMPREENDER 71

O "fazer" coletivo. — Há quanto tempo se fala com palavras? — Finalidade da linguagem: a empresa coletiva.

— Finalidade da empresa: exaltação da potência humana. — Separação do pensamento e da mão: o trabalho do diretor e o trabalho do executor. — Cabeças e mãos: a hierarquia dos talentos. — Organização. — Existência organizada: Estado e povo, política e economia. — A técnica e o número dos homens. — Personalidade e massa.

V — O ÚLTIMO ATO: ASCENÇÃO E FIM DA CULTURA MECANICA 103

Vikings do intelecto. — Experiência, hipótese de trabalho, *perpetuum mobile*. — Sentido da máquina, as forças orgânicas da Natureza obrigadas a trabalhar. — Indústria, riqueza e poder. — Carvão e população. — Mecanização do mundo. — Sintomas de decadência: diminuição das naturezas diretoras. — A revolta das mãos. — O monopólio perdido da técnica. — O mundo colorido. — O Fim.

CAPÍTULO I

A TÉCNICA COMO TÁTICA DE VIDA

*Processo e meios. — Luta e arma. —
Evolução e realização. — A transitoriedade
como forma do real.*

O PROBLEMA da técnica e de sua relação com a Cultura e a História só no século dezanove é que se apresenta pela primeira vez. O dezoito, com o seu cepticismo fundamental — com a sua dúvida que se avizinhava do desespero — havia proposto a questão do sentido e do valor da **Cultura**. Foi um assunto que levou a outros cada vez mais largos e subdivididos, criando assim para o século vinte, para os nossos próprios dias, a possibilidade de olhar a História Universal como um problema.

O século dezoito, a era de Robinson Crusoe e de Jean Jacques Rousseau, dos parques ingleses e da poesia pastoril, considerava o homem “primitivo” como uma espécie de cordeirinho pacífico e virtuoso, que mais tarde a Cultura deitou a perder. Seu aspecto técnico era completamente esquecido ou, se chegavam a vê-lo, consideravam-no indigno da atenção do moralista.

Mas depois de Napoleão a técnica maquinista da Europa ocidental cresceu a proporções gigantescas e, com suas cidades fábricas, suas estradas-de-ferro e barcos a vapor obrigou-nos finalmente a encarar o problema de frente e a sério. Qual a significação da técnica? Qual o seu sentido dentro da História? O seu valor dentro da vida? Que posição ocupa, social e metafisicamente? Ofereceram-se muitas respostas a essas perguntas, mas no fundo elas se podem reduzir a duas.

De um lado, os idealistas e ideólogos, os epígonos do Classicismo humanista da época de Goethe, consideravam as coisas técnicas e os assuntos econômicos como fora ou, melhor, **abaixo** da "Cultura". O próprio Goethe, com seu grande senso do real, havia procurado, no seu segundo **Fausto**, penetrar nas mais fundas profundidades desse novo mundo-de-fatos. Mas já em Wilhelm von Humboldt temos os princípios de uma concepção filológica e anti-realista da História que, no fim de contas, aquilata o valor de uma época histórica pelo número de quadros e livros que ela produziu. Um homem de governo só era olhado como figura significativa quando ganhava foros de

patrono da literatura e da arte. Pouco importava a maneira como se conduzia em outros terrenos. O Estado era um constante obstáculo à verdadeira Cultura que se buscava nas salas de conferências, nos refúgios dos estudiosos e dos artistas. Mal se chegava a dar crédito à possibilidade da guerra, que não passava de uma barbárie de épocas pretéritas. A economia era qualquer coisa de prosaico, estúpido e indigno de nossa atenção, embora na realidade fôsse assunto de trato diário. Mencionar o nome de um grande comerciante ou de um grande engenheiro junto com o de poetas e pensadores, era quasi um ato de **lèse-majesté** à "verdadeira Cultura". Examinemos, por exemplo, as **Weltgeschichtliche Betrachtungen** (Considerações sobre a História Universal) de Jakob Burckhardt. Seu ponto de vista é característico da maioria dos professores de filosofia e até de não poucos historiadores, ao mesmo tempo que é também o ponto de vista desses literatos e estetas de nossos dias que consideram a elaboração dum romance mais importante que o projeto de um motor de avião.

De outra parte havia o Materialismo — em sua essência um produto inglês. Estava em grande moda entre os semi-cultos da segunda metade do século passado. Era a filosofia do jornalismo liberal e das assembléias populares radicais, dos marxistas e dos escritores ético-sociais que se consideravam pensadores e profetas.

Se o característico da primeira classe era uma falta do senso da realidade, no segundo grupo o que havia era uma ausência devastadora do sentido de profundidade. O ideal dos materialistas era o útil e apenas o útil. Tudo quanto fôsse útil à “humanidade” era um elemento legítimo de Cultura, **era** na realidade Cultura. Quanto ao resto... luxo, superstição ou barbárie.

Agora: essa utilidade era a utilidade que levava à “felicidade do maior número”, e essa felicidade consistia em não fazer nada. Tal é em última análise a doutrina de Bentham, Spencer e Mill. Afirmava-se que o objetivo da humanidade consistia em aliviar o indivíduo da maior quantidade possível de trabalho, atirando a carga para cima da má-

quina. Libertar os homens da “miséria da escravidão ao salário”, dar-lhes igualdade nas diversões e confortos e no “gôzo da arte”. É o **panem et circenses** da urbe gigantesca das épocas de decadência que se está apresentando. Os filisteus do progresso se entusiasmavam liricamente a cada botão que punha em movimento um aparelho cuja finalidade era, ao que se supunha, a economia do trabalho humano. Em lugar da religião honesta dos tempos passados, havia um entusiasmo superficial pelas “conquistas da humanidade” — palavras estas que nada mais querem dizer senão progresso na técnica da economia do trabalho e da fabricação de divertimentos. Sôbre a alma, porém, nenhuma palavra.

Ora, tais ideais não são em absoluto do gôsto dos grandes descobridores (com raras exceções) nem mesmo dos que conhecem bem os problemas técnicos. Mas o é dos **espectadores** que os cercam e que, incapazes de descobrir qualquer coisa ou pelo menos compreender o que por acaso descobrissem, sentem que há no ar algo que pode redundar em seu benefício. Nessas condições, uma vez

que em cada "civilização" (1) o materialismo se distingue por sua falta de fôrça imaginativa, surge o quadro dum futuro no qual o fim último e a condição duradoura e final da humanidade é um paraíso terrestre, concebido segundo as tendências técnicas, digamos, da casa dos 80 no século passado — uma desconcertante negação do conceito mesmo de progresso, que por hipótese exclue os "Estados". Essa ordem de idéias é representada por livros como o **Alte und Neue Glaube** (A Antiga e a Nova Fé) de Strauss, **Looking Backward** (Retrospecto) de Bellamy e **Die Frau und der Sozialismus** (A Mulher e o Socialismo) de Bebel. Nada de guerras; não mais diferenças de leis, raças, estados ou religiões; nada de criminosos e aventureiros; nada de conflitos surgidos da superioridade e das diferenças na maneira de ser das pessoas; não mais ódios ou vinganças, mas apenas um infinito bem-estar por todos os séculos dos séculos. Mesmo hoje em dia, quando estamos ainda a viver as últimas fases dêsse otimismo.

(1) A palavra aqui é usada naturalmente no sentido específico que ela tem em "A Decadência do Ocidente". (N. do T.).

trivial, tais imbecilidades nos fazem estremecer à idéia do pavoroso tédio — o *tædium vitæ* da Roma Imperial — que se estende sobre a alma humana à simples leitura dêses idílios. Porque se êles se tornassem efetivos na vida real, ainda mesmo que apenas em parte, só poderiam levar ao assassínio e ao suicídio em massa.

Ambos êses pontos de vista estão hoje antiquados. Chegamos finalmente, com o século vinte, a uma era suficientemente madura para penetrar na significação derradeira dêses fatos cuja totalidade constitue a **história do mundo**. A interpretação das coisas e dos acontecimentos não é mais assunto do gôsto privado de alguns indivíduos de tendência racionalizadora, ou das esperanças e desejos das massas. Em lugar do "talvez seja assim" ou do "devia ser assim" teremos os inexoráveis "é assim" e "há de ser assim". Um cepticismo orgulhoso vem substituir os sentimentalismos do século passado. Aprendemos que a História é qualquer coisa que não tem em menor conta as nossas esperanças.

O tacto fisiognômico, como chamei em outro livro à faculdade que nos permite pene-

trar o sentido de todo o acontecimento — a intuição de Goethe e de todos os que nasceram com o dom de conhecer as criaturas, a vida e a história através dos tempos — o tacto fisiognomônico é que descobre no indivíduo, seja êle pessoa ou coisa, a sua significação mais profunda.

PARA compreender a essência da técnica, não devemos partir da técnica da era da máquina e muito menos da idéia enganadora de que a construção de máquinas e utensílios seja o **objetivo** da técnica.

Porque na realidade a técnica é muitíssimo antiga e, além do mais, ela não é algo de historicamente específico mas sim qualquer coisa de imensamente geral. A técnica transcende as origens da humanidade, recua até a vida dos animais, de **todos** os animais. O tipo de vida destes últimos, em contraste com o da planta, se distingue pela sua capacidade de movimento livre no espaço, pela posse, em maior ou menor grau, de vontade própria e pela independência da Natureza como um todo. Assim sendo, o animal é obrigado a manter-se contra a Natureza e a dar à sua própria existência certa espécie de significação, certa espécie de conteúdo e certa espécie de superioridade. Se vamos então

atribuir um significado à técnica, devemos partir da **alma**, e apenas dela.

Porque a livre mobilidade dos animais é luta, nada mais, nada menos que luta. É a tática de vida, a sua superioridade ou inferioridade em face do "outro" (seja êle Natureza animada ou inanimada) que decide a **história** dessa vida, que determina se seu destino é sofrer a história dos outros ou é ser êle a história desses outros. **A Técnica é a tática de vida**; é a forma íntima cuja expressão exterior é a **conduta** no conflito — no conflito que se identifica com a própria Vida.

Vamos ao segundo erro que se deve evitar: **A técnica não deve ser compreendida como inseparável dos instrumentos**. O que importa não é como se fabricam as coisas, **mas o que fazemos com elas**; não se trata das armas, mas da batalha. A guerra moderna, na qual a tática é o elemento decisivo — isto é, levando em conta que a técnica de conduzir a guerra, a técnica de inventar, de produzir, de manejar as armas são apenas elementos do processo como um todo — aponta uma verdade geral. Há inúmeras técnicas nas quais não se usam absolutamente instrumentos. Por

exemplo, a de um leão negaceando uma gazela ou a da diplomacia. A técnica da administração consiste em manter o Estado apto para as lutas da história política. Existem as técnicas da guerra química e de gases. Há ainda a técnica das pinceladas do pintor, a da equitação e a de pilotar dirigíveis. Não se trata de **coisas**, mas sim de uma **atividade que tem um propósito**. E é precisamente por isto que tantas vezes tem sido esquecido no estudo da pre-história, em que se presta exagerada atenção às coisas dos museus e se dá pouquíssima importância aos inumeráveis processos que devem ter existido, mesmo que não hajam deixado o menor vestígio.

Cada máquina **serve** um processo, e deve sua existência ao **pensamento a respeito desse processo**. Todos os nossos meios de transporte se desenvolveram da **idéia** de movimentar um carro, de remar, de navegar a vela e não do simples conceito de **carro** ou de **barco**. Os próprios métodos são armas. E consequentemente a técnica não é uma parte da economia, do mesmo modo que a economia (ou a guerra ou a política) não pode ser considerada uma parte da vida existente por si

mesma. Todos êsses são apenas aspectos de **uma vida ativa, lutadora e cheia**. Não obstante, da guerra ^{primitiva} **primeva** das bêstas extintas emerge um caminho que leva aos processos dos modernos inventores e engenheiros, do mesmo modo que da cilada, a mais antiga de tôdas as armas, sai uma estrada que conduz ao desenho das máquinas com que hoje fazemos guerra à Natureza, superando-a em estratégias.

Ao movimento nesses caminhos se dá o nome de Progresso. Foi essa a grande epígrafe do século passado. Os homens viam a história à sua frente como uma rua pela qual a "humanidade" marchava corajosa e sempre para a frente; e com "humanidade" queriam designar as raças brancas ou, mais exatamente, os habitantes de suas grandes cidades, ou, com maior precisão ainda, os "educados".

Mas... marcha para onde? Por quanto tempo? **E... depois?**

Era um pouco ridícula essa caminhada rumo do infinito, dum alvo em que os homens não pensavam seriamente, dum objeto que ninguém concebia com nitidez ou, para falar

a verdade, que ninguém ousava imaginar. **Porque um alvo é um fim**. Ninguém faz uma coisa sem pensar no momento em que atinge o que deseja. Ninguém começa uma guerra ou uma viagem ou mesmo um simples passeio sem pensar na direção ou na **conclusão**. Todo o ser humano realmente criador conhece e teme o **vazio** que se segue à terminação duma obra.

A evolução implica em **cumprimento** — cada evolução tem um princípio e cada cumprimento é um **fim**. A velhice está implícita na juventude; o nascimento no perecimento; a morte na vida. Porque o animal, cujo pensamento está preso ao presentê, conhece ou fareja a morte como alguma coisa que está no futuro, alguma coisa que **não** o ameaça. Ele apenas conhece o mêdo da morte no **momento** de ser morto. Mas o homem, que tem o pensamento emancipado das cadeias do aqui e do agora, do ontem e do amanhã, investiga o "uma vez" do passado e do futuro, e o seu triunfo ou derrota final ante o mêdo da morte depende da profundidade ou superficialidade de sua natureza. Conta velha lenda grega, sem a qual não existiria a *Iliada*, que,

tendo a mãe de Aquiles oferecido a êste a escolha de uma vida longa e vazia ou de uma vida breve mas cheia de feitos e de fama, êle preferiu a segunda.

O homem era e é demasiadamente superficial e covarde para suportar a idéia da mortalidade de tôdas as coisas vivas. Êle a envolve no otimismo côm-de-rosa do progresso, amontoa sôbre ela as flores da literatura, fica a rastejar por trás de uma muralha de ideais para não enxergar nada. Mas a transitoriedade, o nascimento e o passamento, é a **forma de tudo quanto tem realidade** — desde as estrêlas, cujo destino para nós é incalculável, até o efêmero formigueiro de nosso planeta. A vida do indivíduo, seja êle animal, planta ou homem, é tão precível como a dos povos e das Culturas. Cada criação está predestinada à decomposição; todo o pensamento, todo o descobrimento, todo o feito estão condenados ao esquecimento. Aquí e alí, por tôda a parte vislumbramos cursos da história de grandioso destino e hoje desaparecidos. Vemos em tôrno de nós ruínas das obras “que foram”, de culturas mortas. No descomediamento de Prometeu, que ergueu as mãos para

os céus para submeter as potências divinas ao homem, estava implícita a queda. Que é feito, pois, dessa palavrosa alusão às “realizações imorredoiras”?

A história do mundo tem um aspecto completamente diferente daquele que nosso século se permite sonhar. A história do homem, comparada à do mundo animal e vegetal dêste planeta — para não falar na vida dos mundos estelares, — é realmente breve. É uma ascensão e um declínio de uns poucos milênios, um período que não tem a menor importância na história da terra mas que, para nós que nascemos com êle, está cheio de força e grandeza trágicas. E nós, seres humanos do século vinte, descemos a encosta **vendo** a descida. Nossa faculdade de perceber a história, nossa capacidade de escrevê-la, é um sinal revelador de que nosso caminho se dirige para baixo. Nos picos das Culturas superiores, no momento em que estas se acham em trânsito para a civilização, êsse dom de penetrante conhecimento lhes aparece por um instante, mas só por um instante.

Entre os enxames das estrêlas “eternas” intrinsecamente não importa qual seja o des-

tino dêste pequeno planeta que segue seu curso por breve tempo em algum lugar do espaço infinito. Ainda mais insignificante é aquilo que em sua superfície se move durante alguns instantes. Mas cada um de nós, intrinsecamente um nada, se vê lançado nesse universo rodopiante por um minuto indizivelmente breve. Porisso êste mundo em miniatura, esta história universal, é algo de suprema importância. E, o que é mais, o **destino** de cada um desses indivíduos não consiste apenas em, por seu nascimento, terem sido êles trazidos para dentro desta história universal, mas sim em haverem aparecido num determinado século, num determinado país, num determinado povo, numa determinada religião, numa determinada classe. Não está ao nosso alcance escolher entre ser filho dum camponês egípcio de 3.000 A. C., de um rei persa ou então dum vagabundo de nossos dias. A êsse destino temos de nos adaptar. Êle nos **condena** a certas situações, concepções e ações. Não existe "o homem em si" tal como querem os filósofos, mas apenas homens de uma época, de uma localidade, de uma raça, de uma índole pessoal, homens que travam batalha

com um **dado** mundo e acabam vencendo ou sucumbindo, enquanto o universo ao redor dêles segue lentamente o seu curso com uma indiferença divina. Essa batalha é a vida — a vida, sim, no sentido nietzscheano — uma luta tôrva, impiedosa e sem quartel, que nasce da vontade-de-poder.

CAPÍTULO II

HERBÍVOROS E ANIMAIS DE RAPINA

*O homem como animal de rapina. —
“Ser” presa e “fazer” presa. — O movimento
como fuga e ataque. — O olho rapace e seu
mundo. — A invariável “técnica da espécie”
e a técnica inventiva do homem.*

O **HOMEM** é um animal de rapina. Pensadores agudos como Montaigne e Nietzsche nunca ignoraram isso. Os velhos contos-de-fadas e os provérbios dos camponeses e nômades de todo o mundo, com sua sabedoria da vida: a semi-sorridente penetração característica dos grandes conhecedores de homens (estadistas, generais, comerciantes ou juizes) do alto de suas vidas ricas: o desespero do reformador fracassado: a invectiva do sacerdote irado — em nenhuma parte se nega ou sequer se tenta esconder êsse fato. Só a cerimoniosa solenidade dos filósofos idealistas e outros... teólogos é que não teve a coragem de proclamar o que no fundo os seus corações sabiam muito bem. Os ideais são covardias. Não obstante, das obras mesmas dessas pessoas se pode tirar uma bonita antologia das opiniões que de quando em quando elas deixaram escapar a respeito da bête humana.

Devemos hoje ajustar contas definitivamente com êsse modo de ver. O cepticismo, a única atitude filosófica possível nesta época (mais ainda: a única **digna** dela) não permite tanto desperdício de palavras. No entanto, por essa mesma razão, não deixarei de contestar as opiniões que se desenvolveram da ciência natural do século passado. Nosso tratamento e classificação **anatômicos** do mundo animal acham-se inteiramente dominados (como era de se esperar em vista de suas origens) pelo ponto de vista materialista. A imagem do corpo, tal como ela se oferece aos olhos do homem (e só aos do homem), e, **a fortiori**, o corpo dissecado, preparado quimicamente e maltratado pelas experiências deram lugar a um sistema que Lineu fundou e que a escola de Darwin aprofundou com a paleontologia. É um sistema de particularidades estáticas e oticamente observáveis, ao lado do qual encontramos outra ordem completamente diferente e destituída de sistema, uma ordem dos modos de vida que se revela apenas na convivência ingênua, através dessa afinidade intimamente sentida do **Ego** e do **Tu**, que qualquer camponês, bem como qual-

quer poeta, conhece. Gosto de meditar sôbre a fisiognomônica dos modos em que se manifesta a **vida** animal e sôbre as espécies da **alma** animal, deixando aos zoologistas a sistemática da estrutura corporal. Revela-se então uma **hierarquia**, do corpo e não do espírito, completamente diversa.

A planta vive, embora só seja um ser vivo no sentido restrito. Com efeito, há vida **nela** ou em tórno dela. **Ela** respira, **ela** se alimenta, **ela** se multiplica, dizemos nós. Mas na realidade ela é simplesmente o **teatro** desses processos que constituem uma unidade com os processos da Natureza em tórno, tais como o dia e a noite, os raios do sol e a fermentação do solo. Assim sendo, a planta mesma não pode querer ou escolher. Tudo acontece com ela e nela. A planta não escolhe a sua posição, nem o seu alimento, nem as outras plantas com as quais exerce as funções de reprodução. Ela não se move, mas sim é movida pelo vento, pelo calor e pela luz.

Acima dessa espécie de vida alça-se agora a vida livremente móvel dos animais. Mas dessa vida há **dois estádios**. Há uma espécie, representada em todos os gêneros anatômicos

desde os animais unicelulares até os palmípedes e os ungulados, e cuja vida depende em sua manutenção do mundo **imóvel** das plantas, pois estas não podem fugir nem defender-se. Acima, porém, dessa espécie existe uma segunda: a dos animais que vivem de outros animais e **cuja vida consiste em matar**. Neste caso a presa mesma é móvel, e em alto grau, e, além do mais, é combativa e bem dotada de toda a sorte de astúcias. Esta segunda espécie se encontra também em todos os gêneros do sistema. Cada gota d'água é um campo de batalha. Nós que temos a luta da terra tão constantemente ante nossos olhos que chegamos a aceitá-la como natural, e até mesmo a esquecê-la, estremecemos de horror ao ver como entre as formas fantásticas das profundezas do mar se processa essa vida de matar e de ser morto.

O animal de rapina é a forma mais alta da vida móvel. Significa um máximo de liberdade a seu favor e contra os outros, o máximo de responsabilidade própria, de singularidade; significa também o extremo de necessidade onde **esse eu só se pode afirmar lutando, vencendo e destruindo**. O fato de

ser o tipo humano um animal de rapina confere-lhe uma alta dignidade.

Um herbívoro é por destino uma **presa**. Procura por meio do vôo fugir a essa sina, mas os animais de rapina **precisam** de vítimas. Um dos tipos de vida é, em sua essência mais íntima, defensivo; o outro, ofensivo, duro, cruel, destruidor. A diferença se faz visível mesmo na tática dos movimentos. De um lado o hábito do vôo, o dom da velocidade, da evasão, de negar o corpo, de ocultar-se. De outro lado, vemos o movimento retilíneo do ataque, o salto do leão, o vôo arremessado da águia. Existem neçaças e artimanhas tanto no estilo do forte como no do fraco. A astúcia no sentido humano, isto é, a astúcia ativa, é atributo apenas dos animais de rapina. Comparados com estes, os herbívoros são obtusos, não apenas a pomba "inocente" e o elefante, mas também as espécies mais nobres dos ungulados: o touro, o cavalo e o cervo. Só quando cegos de raiva ou sexualmente excitados é que são capazes de lutar; de outro modo deixam-se domar e uma criança facilmente os poderá conduzir.

Além dessas diferenças entre as espécies

de movimento, existem outras, ainda mais marcadas, nos órgãos dos sentidos. Porque elas são acompanhadas por diferenças na maneira de apreender, de ter um "mundo". Em si mesmo todo o ser vive na natureza dentro de um ambiente, não importando que êle perceba ou não êsse ambiente ou que seja ou não notado dentro dêle. É, porém, a relação — misteriosa, inexplicável por qualquer raciocínio humano — que se estabelece entre o animal e o ambiente, por meio dos sentidos do tacto, da ordem e do intellecto, que transforma o simples ambiente em um **mundo circundante**. Os herbívoros superiores são governados pelo ouvido, mas acima de tudo pelo **olfato** ⁽¹⁾; os carnívoros superiores, por outro lado, **dominam com os olhos**. O olfato é um sentido caracteristicamente defensivo. Com o nariz o animal fareja o quadrante e a distância do perigo, dando assim aos movimentos de fuga a direção conveniente: o **afastamento** de alguma coisa.

Mas o olho do animal **rapace** visa um **alvo**. O fato mesmo de os dois olhos dos gran-

(1) Uexküll: Biologische Weltanschauung.

des carnívoros, bem como os do homem, podem fixar-se num ponto do ambiente permite ao animal fascinar a presa. Nesse olhar hostil está já implícito para a vítima o destino a que não pode fugir, o salto do momento imediato. Mas êsse ato de fixação de dois olhos dirigidos para diante e paralelamente é equivalente ao nascimento **do mundo** no sentido da posse do mundo pelo Homem — isto é, como um quadro, como um mundo diante dos olhos, como um mundo não apenas de luzes e côres, mas de distâncias em perspectiva, de espaço e de movimentos no espaço, de objetos situados em determinados pontos. Essa maneira de ver que todos os carnívoros superiores possuem — os herbívoros, como por exemplo os ungulados, têm os olhos orientados lateralmente, dando cada um dêles uma impressão diferente e sem perspectiva — traz já em si a idéia implícita de **domínio**. A imagem do mundo é o mundo circundante **dominado** pelos olhos. Os olhos do animal de rapina determinam as coisas de acôrdo com sua posição e distância. Êles apreendem o horizonte. Medem nesse **campo de batalha** os objetos e as condições do ataque. Um a farejar, o ou-

tro a espreitar, — o veado está para o falcão assim como o escravo está para o senhor. Há um sentimento infinito de força nesse olhar largo e tranquilo, um sentimento de liberdade que brota da **superioridade** e se apoia na consciência de um maior poder e na consequente certeza de não ser presa de ninguém. O **mundo** é a presa, e dêsse fato, em última análise, nasceu tôda a cultura humana.

E, finalmente, o fato dessa superioridade inata se tem intensificado não apenas para fora do mundo luminoso e das suas distâncias infinitas, mas também para dentro, **relativamente** à espécie de alma de que são dotados os animais fortes. A alma — êsse quê de enigmático que sentimos ao ouvir esta palavra, mas cuja essência não é acessível a nenhuma ciência; essa chispa divina neste corpo vivo, que neste mundo divinamente cruel e divinamente indiferente tem de dominar ou de capitular — a alma é o **contra-polo** do mundo luminoso que nos cerca. Daí o fato de o pensamento e o sentimento humanos estarem sempre prontos a aceitar a existência de uma alma cósmica dentro dêle. Quanto mais solitário é o ser e mais resoluto se mostra no

formar um mundo para si mesmo, contra tôdas as outras conjunturas de mundo a seu redor, tanto mais definida e forte é a têmpera de sua alma. Qual é o oposto da alma de um leão? A alma de uma vaca. Os herbívoros substituem a força da alma individual pelo grande número, pelo rebanho, pelo sentir e pelo fazer em comum das massas. Quanto menos, porém, um indivíduo precisa dos outros, tanto mais poderoso êle é. O animal de rapina é inimigo de todo o mundo. Não tolera nunca um igual em seu antro. Aquí estão as raízes do verdadeiro conceito régio de **propriedade**. A propriedade é o domínio no qual exercitamos poder ilimitado, o poder que conquistamos em batalha, que defendemos contra nossos pares, que mantivemos victoriosamente. Não é o direito a um mero **haver**, mas sim o soberano direito a fazer o que queremos com o que é nosso.

Uma vez que compreendemos essas coisas, chegamos à verificação de que existe a **ética** do carnívoro e a **ética** do herbívoro. Está fora do alcance de qualquer um alterar isso. Trata-se de algo que pertence à forma íntima, ao sentido e à tática de tôda a vida.

É um simples **fato**. Podemos aniquilar a vida, mas não lhe podemos alterar o caráter. Um animal de rapina domesticado e cativo — qualquer jardim zoológico nos oferece exemplos disso — fica mutilado, tomado de saudade cósmica, interiormente morto. Alguns dêles fazem voluntariamente a greve da fome, quando capturados. Os herbívoros nada perdem no processo de domesticação.

Essa é a diferença entre o destino dos herbívoros e o do animal de rapina. Um desses destinos apenas ameaça; o outro, exalta. **Aquele** deprime, empequenece e acobarda; **êste** eleva por meio do poder e da vitória, do orgulho e do ódio. E a luta da natureza-interna com a natureza-externa já não deve ser considerada **miséria** como afirmava Schopenhauer, ou “luta pela existência”, como achava Darwin, mas sim um grande sentido que **enobrece** a vida, **o amor fati** de Nietzsche. É a esta espécie e não à outra que o Homem pertence.

O **HOMEM** não é nenhum simplório, “bom por natureza” e estúpido; nem um semi-macaco com tendências técnicas, como Haeckel o descreve e Gabriel Max o pinta. (1). Por sobre êsses quadros cai ainda a sombra plebéia de Rousseau. Não, a tática de sua vida é a de um esplêndido animal de rapina, corajoso, astuto e cruel. Vive de atacar, de matar e de destruir. Êle quer, e desde que existe sempre tem querido, ser senhor. Significará isso, entretanto, que a técnica é na realidade mais antiga que o homem?

(1) Foi o impaciente demônio da classificação, que assombra os anatomistas puros, que aproximou o homem do macaco. Além do mais, êsses mesmos anatomistas estão hoje em dia começando a achar essa conclusão muito apressada e superficial. Veja-se, por exemplo, Klaatsch, que foi darwinista: *Der Werdegang der Menschheit* (O Advento da Humanidade) 1920, à pág. 29 e seguintes. É justamente no “sistema” mesmo que o homem se coloca à margem e fora de toda a ordem, sendo mui primitivo em muitas partes de sua estrutura corporal e aberrado em outras. Mas isso não nos interessa aqui. O que estamos estudando é sua vida, e em seu destino, em sua alma, êle é um animal de rapina.

Certamente não. Há uma enorme diferença entre o homem e os outros animais. A técnica destes últimos é uma **técnica genérica**. Não é inventiva nem suscetível de desenvolvimento. O tipo abelha desde que existe tem construído seus favos exatamente como o faz agora, e há de continuar a construí-los assim até a sua extinção. Os favos pertencem à abelha como a forma de suas asas e a côr de seu corpo. As diferenças entre a estrutura corporal e o modo de vida só existem vistas do ângulo do anatomista. Se partirmos da forma interna da vida em vez de da forma externa do corpo, veremos então a tática de vida e a distribuição do corpo como uma única e mesma coisa, expressões ambas de uma mesma realidade orgânica. A "espécie" é uma forma, não do visível e estático, mas da mobilidade — uma forma não do **ser-*assim*** mas do **fazer-*assim***. A forma corporal é a forma do corpo **ativo**.

As abelhas, as térmitas e os castores erguem construções admiráveis. As formigas conhecem a agricultura, a construção de estradas, a escravidão e a guerra. A arte de criar os filhos, de erguer fortificações e organizar

as migrações se acha largamente difundida na natureza. Tudo que o homem pode fazer esta ou aquela espécie de animal já tem feito. São tendências que existem adormecidas sob a forma de **possibilidades** dentro da vida móvel. O homem nada realiza que não seja realizável pela **vida como um todo**.

No entanto, no fundo tudo isso nada tem a ver com a técnica humana. A técnica da espécie é **inalterável**. Eis o que significa a palavra "instinto". Estando o "pensamento" animal estritamente ligado ao **agora e aqui** imediatos e não conhecendo o passado e o futuro, não conhece também a experiência e a preocupação. Não é verdade que entre os animais as fêmeas se "preocupem" com os filhotes. Preocupação é sentimento que pressupõe visão mental futuro a dentro, interesse pelo que **está por acontecer**, do mesmo modo que remorso implica em conhecimento do que **aconteceu**. Um animal não pode odiar nem desesperar. O cuidado da cria é, como tudo mais que se mencionou acima, um impulso obscuro e inconsciente como os que se encontram em muitos tipos de vida. Pertence à espécie e não ao **indivíduo**. A técnica genérica

não é apenas inalterável, mas também **impessoal**.

Pelo contrário, há até um fato único com relação à técnica humana: o de que ela é **independente** da vida do gênero humano. É o único caso em toda a história da vida em que o indivíduo se liberta da coação da espécie. Precisamos meditar longamente sobre essa idéia se quisermos apanhar-lhe a imensa significação. A técnica na vida do homem é consciente, arbitraria, alterável, pessoal e **inventiva**. Aprende-se e é suscetível de melhora. O homem se fez **criador** de sua tática de vida. Esta é a sua grandeza e a sua fatalidade. E à forma interna dessa **criatividade** chamamos **cultura**, — possuir cultura, criar cultura, padecer pela cultura.

As criações do homem são a expressão de sua existência em forma **pessoal**.

CAPÍTULO III

A ORIGEM DO HOMEM: A MÃO E O INSTRUMENTO

A mão como órgão do tacto e da ação. — Diferenciação entre o fabrico das armas e o uso delas. — Liberação relativa à coação da espécie. — “Pensamento do olho” e “pensamento da mão”. — Meios e fim. — O Homem como criador. — O ato singular. — Natureza e “arte”. — A técnica humana é artificial. — Homem versus Natureza. — A tragédia do Homem.

DESDE quando existe êsse tipo de **carnívoro inventivo**? Ou, então, o que vem dar no mesmo, desde quando existe o homem? Que é o homem? Como veio a ser homem?

Eis a resposta: através da gênese da mão. A mão é uma arma sem igual no mundo da vida móvel. Comparêmo-la com a pata, o bico, os cornos, os dentes e as barbatanas dos outros animais. Para começar: o sentido do tacto se acha em tal grau concentrado na mão que esta pode ser quasi considerada o órgão táctil, no mesmo sentido em que os olhos são os órgãos visuais e os ouvidos os órgãos auditivos. A mão não só distingue o quente do frio, o sólido do líquido, o duro do mole, mas também, acima de tudo, o pêso, a forma, o lugar das resistências, etc., — em summa, **as coisas no espaço**. Além e acima dessa função, porém, a **atividade** da vida se reúne de modo tão completo na mão que tôda a postura e marcha do corpo tomou —

simultaneamente — a configuração dela. Não há nada em todo o mundo que se possa comparar a êsse membro capaz igualmente de toque e de ação. Aos olhos do animal de rapina que contemplam “teoricamente” o mundo, ajunta-se a mão do homem, que o domina praticamente.

A sua origem deve ter sido súbita, com relação ao ritmo das correntes cósmicas. Ela deve ter acontecido tão abruptamente como um relâmpago ou um terremoto, à maneira das coisas decisivas que na história do mundo **marcam época**, no sentido mais alto da expressão.

Neste ponto temos de outra vez nos libertar da idéia — sustentada no século passado e baseada nas investigações geológicas de Lyell — de um processo de “evolução”. Uma variação assim lenta e fleugmática adapta-se bem à maneira de ser dos ingleses, mas não corresponde à Natureza. Para apoiar a teoria recorre-se a milhões de anos, uma vez que dentro dos períodos de tempo mensuráveis nada se revelava dêsse processo. Mas na verdade não poderíamos distinguir as diversas camadas geológicas se não houvessem si-

do elas separadas uma das outras por **catástrofes** de natureza e origem desconhecidas; e não poderíamos **conhecer** as espécies das criaturas fósseis se estas não tivessem aparecido de súbito, mantendo-se invariáveis até a sua extinção. Nada sabemos dos “antepassados” do Homem, a despeito de tôdas as nossas investigações e da anatomia comparada. O esqueleto humano desde que apareceu tem sido exatamente o que é hoje. Em qualquer reunião popular podemos encontrar até o homem de Neandertal. É, pois, impossível que a mão, a postura erecta do corpo no marchar, a posição da cabeça e o mais que segue se tenham desenvolvido sucessivamente e de maneira independente. A coisa tôda aparece junta e de repente ⁽¹⁾. A história do mundo

(1) Quanto a essa “evolução”, em geral afirmam os darwinistas que a posse de armas tão admiráveis como essas favoreceu e conservou a espécie na luta pela vida. Mas o certo é que só a arma já completamente formada poderia constituir uma vantagem. A arma, durante o processo de evolução — e dizem que êsse processo durou milênios — teria sido uma carga inútil e teria trazido mais prejuízos que benefícios à espécie. Como imaginar o início de tal evolução? Esta caça das causas e dos efeitos, que no fim de contas são formas do pensamento humano, e não do vir-a-ser do mundo, torna-se um tanto imbecil se esperarmos penetrar com ela nos segredos dêsse mundo.

avança de catástrofe em catástrofe, quer possamos compreender e provar o fato, quer não. A isso chamamos hoje, segundo A. de Vries, *Mutação* (1). É uma mudança interior que subitamente se apodera de todos os exemplares duma espécie, naturalmente "sem-tom-nem-som", como tudo mais que se passa na realidade. É o ritmo misterioso do real.

Mais ainda: não só a mão do homem, a marcha e a postura devem ter surgido juntas, como também — e êste ponto ninguém até hoje observou — **a mão e o instrumento**. A mão inerte não tem utilidade por si só. Exige uma arma para se transformar ela mesma em arma. Assim como os instrumentos foram modelados de acôrdo com a forma da mão, **a mão tomou também a configuração do instrumento**. É insensato procurar separá-los a ambos no tempo. É impossível que a mão já formada tenha exercido atividade, mesmo que por curto tempo, sem o instrumento. Os mais remotos restos humanos e os

(1), H. de Vries: *Die Mutationstheorie* (1901, 1903) (A Teoria da Mutação).

mais remotos instrumentos têm a mesma idade.

O que se dividiu, entretanto — não cronológica mas logicamente — foi o **processo técnico**, de sorte que a produção do instrumento e o seu uso são coisas diferentes. Assim como existe uma técnica de fabricar violinos e outra de tocar-violino, do mesmo modo há uma técnica de construir navios e outra de navegar, — a arte de fazer bestas e a arte de manejá-las. Nenhum outro animal de rapina **escolhe** jamais suas armas. Mas o homem não só escolhe como também as faz, de acôrdo com suas idéias individuais. Com isso obtém uma tremenda superioridade na luta contra seus semelhantes, contra os outros animais e contra a Natureza.

Isso significa sua liberação da coação da espécie — fenômeno único na história de toda a vida dêste planeta. Com isso o homem **começa a ser**. Faz sua vida ativa em larga escala independente das condições do corpo. O instinto genérico ainda persiste com plena força, mas dêle se separou um pensamento e uma ação inteligentes que não dependem da espécie. Essa liberdade consiste na liberdade

de escolha. Cada um fabrica as suas próprias armas, de acôrdo com sua habilidade e raciocínio próprios. O descobrimento de grandes acervos de instrumentos falhos e abandonados são testemunhos eloquentes do cuidado dêsse primitivo "fabricar conciente".

Se, a-pesar-de tudo, êsses espécimes são tão semelhantes que — embora com justificação duvidosa — possamos deduzir a existência de "culturas" diferenciáveis, como a acheulense e a solutrense, e até mesmo chegar daí a estabelecer — desta vez certamente sem justificação — paralelos de tempo nas cinco partes do mundo, deve-se isso ao fato de que essa liberação da coação da espécie surgiu a princípio apenas como uma grande **possibilidade** e está muito longe de ser individualismo já realizado. Ninguém gosta de parecer extravagante, nem tampouco de imitar os outros. De fato, cada qual pensa e trabalha para si mesmo, mas a vida da espécie é tão poderosa que a despeito disso o resultado é semelhante em tôdas as partes — como no fundo acontece até mesmo hoje.

Assim, pois, além do "pensamento dos olhos", do olhar agudo e compreensivo dos

grandes animais de rapina, temos agora o "pensamento da mão". Do primeiro desenvolveu-se nesse entretempo o pensamento, que é teórico, contemplativo, observante — a "reflexão" e a "sabedoria". E agora, do segundo nasce o pensamento ativo e prático, nossa "astúcia", a "inteligência" propriamente dita. O olho indaga sôbre causa e efeito; a mão trabalha segundo o princípio dos meios e do fim. A questão do próprio e do impróprio — o critério do **fazedor** — nada tem a ver com a verdade ou a falsidade, que são os valores do **observador**. E um fim, um alvo, é um **fato**, ao passo que uma conexão de causa e efeito é uma **verdade**. Dess'arte surgiram os diferentes modos de pensar dos homens-de-verdade — o sacerdote, o estudioso, o filósofo — e dos homens-dos-fatos — o político, o general, o comerciante. Desde então, pois, até mesmo nossos dias, a mão que comanda, que dirige, a mão de punhos cerrados é a expressão de uma vontade. Tanto é assim que temos realmente uma grafologia e uma quirosografia, para não falar em figuras de linguagem como o "punho de ferro" do conquista-

dor, a “mão hábil” do financista e a “mão” do artista ou do criminoso.

Com a mão, sua arma, e com o seu pensamento pessoal o homem chegou a ser **criador**. Todos os animais permanecem dentro dos limites da atividade da espécie e não enriquecem de modo nenhum a sua vida. Entretanto o Homem, o animal criador, espalhou por todo o mundo tais tesouros de pensamentos inventivos que êle parece perfeitamente autorizado a dar à sua breve história o nome de História Universal, e a olhar o que o cerca como “humanidade”, tendo o resto da natureza como um fundo, um objeto e um meio.

À atividade da mão **pensante** chamamos **feitos**. Já existe atividade na existência dos animais, mas os **feitos** só começaram com o Homem. Nada caracteriza melhor essa diferença que a história do fogo. O Homem vê (causa e efeito) como surge o fogo, e o mesmo vêem muitos dos animais. Mas só o Homem (fim e meios) **pensa** num processo para provocar o fogo. Nenhum outro ato nos deixa como êsse a impressão do sentido da criação. Um dos mais fantásticos, violentos e

enigmáticos fenômenos da Natureza — o raio, o incêndio da floresta, o vulcão — é chamado à vida pelo próprio Homem, **contra** a Natureza. Que se teria passado na alma do Homem quando pela primeira vez êle viu o fogo que sua própria mão provocara?

SOB a impressão poderosa dêsse ato singular, livre e conciente, que assim emerge da uniforme "atividade da espécie", atividade dessa impulsiva e coletiva, tomou forma a alma humana verdadeira, alma mui solitária (mesmo comparada com a dos outros animais de rapina), cheia de expressão pensativa e orgulhosa, alma de quem conhece o seu próprio destino; alma dotada dum incoercível sentimento de poderio que se concentra no punho habituado aos feitos; alma inimiga de todos; alma que mata, que **odeia**, decidida à conquista ou à morte. Essa alma é mais profunda e mais apaixonada que a de qualquer outro animal. Acha-se ela em oposição irreconciliável ao mundo inteiro, do qual a separa seu próprio caráter criador. É a alma de um **rebelde**.

O homem primitivo preparava sua guarida, solitário como uma ave de rapina. Se várias "famílias" se reuniam num bando, era

um bando da forma mais livre e frouxa. Não se podia falar ainda em tribus e muito menos em povos. Essa horda é uma reunião accidental de uns poucos machos — que dessa vez não lutam uns com os outros, — e de suas mulheres e dos filhos dessas mulheres. Não têm sentimento de comunidade. Vivem em perfeita liberdade. Não constituem um "nós" como o simples rebanho composto de exemplares duma espécie.

A alma dêsses solitários fortes é totalmente guerreira, desconfiada, ciosa de sua própria fôrça e de suas presas. Ela conhece o sentimento não só do "eu" como do "meu". Conhece também a embriaguez dos sentidos quando a faca corta a carne do inimigo, quando o cheiro de sangue e a sensação de espanto penetram juntos a alma triunfante. Cada "homem" verdadeiro, mesmo nas cidades dos períodos superiores das Culturas, sente em si mesmo de tempos em tempos os fogos adormecidos dessa alma primitiva. Não há aqui o menor vestígio dessa lamentável estimação das coisas como "úteis" e "economizadoras de trabalho" e muito menos dêsse desdentado sentimento de compaixão, reconciliação e dêsse

anseio de paz. Em vez, porém, disso, há o profundo orgulho de se saber temido, admirado e odiado pela sua ventura e pela sua força, e a necessidade urgente de vingança com relação a tudo, tanto aos seres vivos como às coisas — pois todos constituem, pelo simples fato de existirem, uma ameaça a esse orgulho.

E essa alma avança cada vez mais, num sempre crescente alheamento de **tôda** a Natureza. As armas dos animais de rapina são naturais, mas o punho armado do homem com a sua arma artificialmente feita, meditada e escolhida, não é natural. **Aquí começa a "Arte" como conceito contraposto à "Natureza".**

Cada processo técnico do homem é uma arte e sempre foi descrito como tal; assim temos, por exemplo, a arte de atirar com o arco, de cavalgar e de guerrear. As artes da construção, do govêrno, do sacrifício, da profecia, da pintura, da versificação, da experimentação científica... Cada obra do homem é artificial, antinatural, desde a produção do fogo até as criações que, nas Culturas superiores, são especificamente consideradas "ar-

tísticas"”. O Homem arrebatou à Natureza o privilégio da criação. A "vontade livre" é em si nada menos que um ato de rebeldia. O homem criador se libertou dos laços da Natureza e com cada criação nova se afasta cada vez mais dela, torna-se cada vez mais seu inimigo. Isso é "História Universal", a história de uma dimensão fatal que se ergue, incoercível, sempre crescente, entre o mundo do homem e o universo — a história de um rebelde que cresce para erguer a mão contra a própria mãe.

Aquí principia a **tragédia** do homem — porque a Natureza é o mais forte dos dois. O Homem continua a depender dela, porque a despeito de tudo ela o inclue, como a tudo mais, no seu seio. **Tôdas as grandes Culturas são derrotas.** Raças inteiras, interiormente destruídas e quebrantadas, permanecem entregues à esterilidade e à decomposição espiritual, como cadáveres abandonados no campo. A luta contra a Natureza é uma luta sem esperança, e no entanto o homem a leva até o amargo final.

CAPÍTULO IV

O SEGUNDO ESTÁDIO: FALAR E EM-
PREENDER

O "fazer" coletivo. — Há quanto tempo se fala com palavras? — Finalidade da linguagem: a empresa coletiva. — Finalidade da empresa: exaltação da potência humana. — Separação do pensamento e da mão: o trabalho do diretor e o trabalho do executor. — Cabeças e mãos: a hierarquia dos talentos. — Organização. — Existência organizada: estado e povo, política e economia. — A técnica e o número dos homens. — Personalidade e massa.

QUANTO tempo durou a era da mão armada —isto é, desde quando o homem é homem? Não sabemos. Seja como fôr, o total de anos não importa, embora hoje ainda o estimemos em cifra muitíssimo elevada. Não é um assunto de milhões de anos nem mesmo de várias centenas de milhares. Não obstante, devem ter transcorrido muitos milênios.

Verifica-se agora, porém, a segunda mudança que marcou época. Foi tão abrupta e imensa como a primeira, e como ela transformou o destino do homem desde os alicerces. Foi mais outra verdadeira “mutação” no sentido anteriormente explicado. A arqueologia prehistórica observou isso faz muito tempo, e de-fato as coisas que se acham em nossos museus de súbito começam a ter um aspecto diferente. Aparecem vasos de barro, traços de “agricultura” e “criação de gado” (embora se empreguem aquí impropriamente êsses ter-

mos que designam coisas muito mais modernas), construção de cabanas, sepulturas, indicações de viagens. Um novo mundo de idéias técnicas e de processos se anuncia. Do ponto de vista dos museus — excessivamente superficial e obcecado pela simples ordenação dos achados — foi feita a distinção de duas Idades da Pedra, a mais velha e a mais nova, a paleolítica e a neolítica. Esta distinção, porém, há muito tempo vem sendo olhada com inquietantes dúvidas, e nestes últimos decênios se fizeram tentativas para substituí-la por outra. Os estudiosos, porém, se apegam ainda à idéia da classificação de **objetos** (como indicam termos como **mesolítico, miolítico, mixolítico**) e daí não vão para diante. O que mudou não foram os utensílios, mas sim o Homem. É, uma vez mais, apenas partindo de sua alma que se pode descobrir a história do Homem.

Podemos fixar a data dessa mutação com razoável precisão se a situarmos lá pelo quinto milênio antes de Cristo ⁽¹⁾. Dois mil

(1) Segundo as pesquisas de De Geers em torno da cerâmica listada da Suécia. (Reallexikon der Vorgeschichte).

anos mais tarde, quando muito, as Culturas superiores começam no Egito e na Mesopotâmia. Na verdade, o ritmo da história se processa tragicamente. Até então milhares de anos quasi não contavam absolutamente; agora, porém, cada século se torna importante. Em saltos violentos a pedra se aproxima rolando do abismo.

Mas na verdade, que foi que aconteceu?

Se nos aprofundarmos mais neste novo mundo de formas das atividades do homem, logo perceberemos as mais fantásticas e complicadas das relações. Em tôdas essas técnicas, uma pressupõe a existência da outra. A manutenção de animais domesticados exige o cultivo de forragem, a sementeira e colheita de plantas nutritivas requerem por sua vez a existência de animais de tiro e de carga; estes, por seu turno, pressupõem a construção de cercados. Cada tipo de edificação exige a preparação e o transporte de materiais; e o transporte, por sua vez, requer estradas, animais de carga e barcos.

Que é, em tudo isso, a transformação "espiritual"? A resposta que ofereço aqui está: — **ação coletiva por meio de plano.**

Até então cada homem tinha vivido sua própria vida, feito suas próprias armas, seguido sua própria tática na luta diária. Ninguém precisava do próximo. Tudo isso, porém, muda subitamente. Os novos processos ocupam longos períodos de tempo; em alguns casos, anos inteiros. Pensemos, por exemplo, no tempo que decorre entre a derrubada de uma árvore e a partida do barco que com ela se construiu. A história se divide numa série de "atos" separados e bem ordenados e de "enredos" que se desenvolvem paralelamente uns aos outros. Para êsse processo coletivo a condição prévia indispensável era um meio — a *linguagem*.

O falar em frases e palavras, portanto, não pode ter começado antes nem depois, mas deve ter surgido então — rapidamente como tudo quanto é decisivo e, além disso, em estreita conexão com os novos métodos do homem.

Pode-se provar isso.

Que vem a ser "falar"? É sem dúvida um processo que tem por finalidade fornecer informação, uma atividade que é exercida continuamente por uma quantidade de seres

humanos. O "discurso" ou "linguagem" é apenas uma abstração disso; é a forma interior (gramatical) do falar e, portanto, das palavras. Essa forma deve ser propriedade comum e ter uma certa permanência para que possa servir de meio de informação. Demonstrei em outra parte que o falar em sentenças foi precedido de formas mais simples de comunicação, tais como símbolos visuais, sinais, gestos, gritos de advertência e ameaça. Tôdas essas coisas continuam a existir ainda em nossos dias, como auxiliares da palavra, na melodia da dicção, na ênfase, no jôgo de gestos e (no discurso escrito) na pontuação.

Não obstante, o falar "fluente" é, por força do seu conteúdo, qualquer coisa de completamente novo. Desde Hamann e Herder vêm os homens propondo a si mesmos a questão da origem da linguagem falada. Mas se tôdas as respostas oferecidas até hoje nos parecem pouco satisfatórias é porque a **intenção** da pergunta foi mal compreendida. Porque a origem da linguagem em palavras não se pode encontrar na atividade mesma do falar. Êsse foi o êrro dos românticos que — alheios como sempre à realidade — queriam derivar

o idioma da "poesia primordial" da humanidade. E mais ainda: achavam êles que a própria linguagem já em si mesma **era** essa poesia original — mito, poema e oração, tudo a um tempo — e que a prosa era simplesmente qualquer coisa de posterior que se degradara para se acomodar ao uso comum de cada dia. Mas se tivesse sido assim, a forma íntima da linguagem, a gramática, a construção lógica da sentença, deveria ter um aspecto completamente diferente. Na realidade são precisamente os idiomas primitivos, como os das tribus bantús e turcomanas, que mostram de maneira mais acentuada a tendência de marcar diferenças claras, incisivas e inequívocas. (1)

Isso por sua vez nos leva ao êrro fundamental dêsses inimigos declarados do romanticismo, os racionalistas, que vivem eternamente apegados à idéia de que a **sentença** exprime um **juízo** ou **pensamento**. Sentam-se êles a suas mesas-de-trabalho, cercados de li-

(1) Tanto é assim que em muitas linguas a sentença é uma palavra única e monstruosa na qual, por meio de prefixos e sufixos classificativos, colocados em ordem regular, se exprime o que se quer dizer.

vros, e põem-se a fazer minuciosas investigações sôbre **seu próprio** modo de pensar e escrever. Em consequência disso o "pensamento" se lhes apresenta como o **fim** da linguagem falada e — como de hábito êsses pesquisadores fazem meditações solitárias — esquecem-se êles de que além do falar, existe o **ouvir**, além da pergunta há a resposta, além do **eu** está o **tu**. Quando dizem "linguagem" pensam no discurso, na conferência, na dissertação. Sua opinião sôbre a origem da linguagem é portanto falsa, pois êles a encaram como **monólogo**.

A maneira correta de tratar o problema não é procurar saber **como** mas sim **quando** apareceu a linguagem em palavras. E uma vez formulada a pergunta, tudo em breve se esclarece. O fim da linguagem em sentenças, habitualmente mal compreendido ou ignorado, é estabelecido pelo período em que se tornou um costume o falar assim (isto é, "fluentemente") e revelado com absoluta clareza na **forma** de construir a oração.

A linguagem não nasceu por meio do monólogo nem as sentenças seguiram os caminhos da oratória. Ela nasceu da **conversa**

ção entre várias pessoas. Sua finalidade não é uma compreensão baseada na reflexão, mas sim um entendimento recíproco em consequência de pergunta e resposta. Quais são, pois, as formas básicas da linguagem? Não o juízo nem a declaração, mas sim a **ordem**, a expressão de obediência, a enunciação, a pergunta, a afirmação ou a negação. Eram sentenças originalmente bastante breves e **invariavelmente** dirigidas a outros, tais como "Faça isto!" — "Pronto?" — "Sim!" — "Vamos!". As palavras como designadoras de conceitos ⁽¹⁾ são apenas produtos da **finalidade** da sentença, de sorte que o vocabulário de uma tribo de caçadores é desde o início diferente do de uma aldeia de pastores ou do de uma população que habita a beira do mar. Originalmente o falar era uma atividade difícil e pode-se ter como certo que êle estava limitado ao estritamente necessário. Mesmo em nossos dias o camponês é parco de palavras, comparado com o homem da cidade —

(1) O conceito é a ordenação de coisas, situações e atividades em classes de generalidade "prática". O criador de cavalos não diz nunca "cavalo", mas sim "equa tordilha", "potro baio", etc....

que está tão acostumado a falar, que não pode calar a boca e é capaz de, por mero desfastio, tagarelar e entabular conversação quando não tem nada que fazer, tenha ou não tenha o que dizer.

A **finalidade** primitiva da linguagem é a **execução de um ato**, de acôrdo com uma intenção, tempo, lugar e meio. A construção clara e inequívoca do ato é o primeiro elemento essencial; e a dificuldade de fazer-se compreender, de impor aos outros a nossa vontade, produz a técnica da gramática, da formação de orações e construções, os modos corretos de dar ordens, fazer perguntas, responder, formar classes de palavras — tudo isso baseado em intenções e propósitos **práticos** e não teóricos. O papel representado pela meditação teórica nos princípios da linguagem falada foi praticamente nulo. Todo o falar era de natureza prática e procedia do "pensar da mão".

A “AÇÃO coletiva por meio de plano” se pode dar o nome mais curto de “empêsa”. A relação que existe entre o **falar** e o **emprender** é precisamente a mesma que existia antes entre a **mão** e o **instrumento**. O falar entre muitas pessoas desenvolveu sua forma interna gramatical na execução das emprêsas; e, **viceversa**, o costume de levar a cabo tarefas se disciplinou mediante o método de um pensamento que lidava com palavras. Porque o falar consiste em comunicar alguma coisa ao pensamento de outrem. Se o falar é um ato, é sem dúvida um ato **intelectual** com meios **sensíveis**. Muito em breve deixa de precisar da primitiva relação imediata com o ato físico.

No quinto milênio antes de Cristo uma inovação marcou época: o pensar, o intelectual, a razão ou como quer que chamemos a isso que, por meio da linguagem, se emancipou

da dependência da **mão** ativa — apareceu como uma **fôrça em si mesmo** ante a Alma e a Vida. A reflexão puramente intelectual, o “cálculo” que nesse ponto surgiu — súbita, decisiva e radicalmente — consiste nisto: em que a ação comum é uma **unidade** tão definida como seria a ação pessoal de um gigante. Ou como Mefistófeles diz ironicamente a Fausto:

... *Merco seis urcos,
de seis urcos a fôrça ajunto à minha.
Levo-me pelo ar, porque possuo
mais vinte e quatro pés... (1)*

O homem, animal de rapina, insiste **concientemente** em aumentar sua superioridade muito para além dos limites de sua fôrça corporal. A êsse seu desejo-de-mais-poder êle sacrifica até um elemento importante de **sua própria** vida. O **pensar** e o **calcular** um efeito maior é o que vem em primeiro lugar. E para conseguir isso êle se dispõe a sacrificar um pouco de sua liberdade pessoal. Por dentro, entretanto, o homem se conserva indepen-

(1) Goethe — Fausto (Tradução de Castilho).

dente. Mas a História não permite os passos à retaguarda. O Tempo, e por conseguinte a Vida, não são reversíveis. Uma vez habituado à ação coletiva e aos seus êxitos, ficou o homem cada vez mais fundamentalmente preso a êsses vínculos fatais. O **pensamento de empresa** exige um domínio cada vez mais firme sobre a vida da alma. O homem se tornou escravo do próprio pensamento.

O passo que vai do uso dos instrumentos pessoais à empresa comum implica numa **artificialidade** crescente do procedimento. O simples trabalhar com **material** artificial (como na cerâmica, na tecelagem e na arte de fazer esteiras) não significa ainda grande coisa, embora esteja muito mais impregnado de espírito e seja muito mais **criador** do que tudo quanto ficou para trás. Chegaram, porém, até nós vestígios de uns poucos processos que pressupõem de-fato grande força mental e que se acham bastante acima dos muitos de espécie ordinária a respeito dos quais hoje nada podemos saber. Temos, sobretudo, os que nasceram da **idéia de construir**. Muito antes de qualquer conhecimento dos metais, havia minas de pederneira na Bélgica, Inglaterra,

Áustria, Sicília e Portugal; minas que certamente remontam a êsse tempo; minas com poços e galerias, com ventilação, drenagem e instrumentos feitos de cornos de cervo (1). No período neolítico inferior, Portugal e o noroeste da Espanha tinham estreitas ligações com a Bretanha (contornando a França meridional) e a Bretanha por sua vez tinha comunicações com a Irlanda. Essas relações supõem uma navegação regular e portanto a construção de navios capazes de enfrentar o mar, a-pesar-de não termos dêstes o menor conhecimento. Existem na Espanha edifícios megalíticos de pedra lavrada de proporções gigantescas com cobertas que pesam mais de cem toneladas e que devem ter sido trazidas de muito longe e colocadas em seus lugares segundo uma técnica para nós desconhecida. Será que na verdade compreendemos bem o que de reflexão, consultas, fiscalização e ordens foi necessário durante meses e anos sem fim para se poder extrair o bloco, para trasladá-lo, para distribuir as tarefas no tempo e

(1) *Reallexikon der Vorgeschichte* (Dicionário de Prehistória) — Tomo I, Verbet: Bergbau (minério).

no espaço, para delinear o plano e para emprender e executar um trabalho dessa natureza? Como comparar a prolongada meditação prévia necessária para o transporte dêsse bloco por alto mar com a simples produção de uma faca de pederneira? Só o "arco composto", que aparece nas figuras pintadas em rochas, na Espanha, requer para sua construção, tendões, cornos e madeiras especiais, todos de origens diferentes, e ao mesmo tempo um complicado processo de manufatura que levava de cinco a sete anos. E a "invenção", como ingenuamente dizemos, do carro — quanto pensamento, quantas ordens e quanta atividade ela pressupõe, desde a determinação do propósito e da espécie de movimento exigidos, da escolha e preparação da estrada (um ponto habitualmente esquecido), da captura ou domesticação dos animais para a tração — até as considerações a respeito do tamanho, peso e amarramento da carga e da direção e abrigo de um combóio!

Um outro mundo absolutamente diferente de criações surge da "idéia" de procriação — a saber, a **criação** de plantas e animais

mediante a qual o homem se faz representante da Natureza criadora, imitando-a, modificando-a, melhorando-a e violentando-a. Desde o tempo em que o homem começou a **cultivar** em vez de apenas apanhar as plantas não há dúvida que êle as tem modificado conscientemente de acôrdo com seus propósitos. Em todo o caso os achados pré-históricos de exemplares vegetais pertencem a espécies que nunca foram encontradas em estado selvagem. Mesmo nos mais antigos achados de ossos de animais que indicam alguma forma de criação de gado, percebemos já as consequências da "domesticação", a qual em parte, se não no todo, deve ter sido intencional e foi conseguida por meio de uma **criação** ⁽¹⁾ deliberada. O conceito-de-presa do carnívoro se amplia e inclui não apenas as vítimas mortas na caçada, mas também o rebanho selvagem que pasta em liberdade dentro (ou mesmo fora) dos cercados erguidos pela mão do ho-

(1) Hiltzheimer: *Natürliche Rassengeschichte der Haussäugetiere* — 1926 (História Natural das Raças dos Mamíferos Domésticos).

mem. (1). Pertence êle a alguém, — a uma clã ou bando de caçadores — e seus donos defendem o seu direito de exploração. A captura de animais para fins de criação, fim que pressupõe o cultivo de plantas forrageiras para sua alimentação, constitue uma das várias maneiras de possessão naqueles tempos praticadas.

Já demonstrei que o nascimento da mão armada teve por consequência uma separação **lógica** de duas técnicas, a saber: a da produção e a do manejo da arma. Do mesmo modo, a empresa dirigida pela linguagem leva à separação da atividade mental da atividade manual. Em toda a empresa o **planejar** e o **executar** são elementos distintos e, a partir desse momento, o pensamento prático representa o principal papel. Há um **trabalho de direção** e um **trabalho de execução** e êste fato tem sido desde então a forma técnica fundamental de toda a vida humana. Quer

(1) Mesmo no século dezenove as tribus de índios perseguiam os grandes rebanhos de búfalos como ainda hoje os gaúchos argentinos correm atrás dos rebanhos vacuns que são propriedade privada. O nomadismo nasceu assim em grande parte da sedentariedade.

se trate de caçar grandes animais, de construir templos, de lançar uma empresa guerreira ou agrícola, quer se cogite de fundar um estabelecimento comercial ou de organizar a viagem de uma caravana, uma rebelião e até mesmo um crime — sempre o primeiro requisito é uma cabeça empreendedora e inventiva para traçar a idéia e dirigir a execução, para comandar e para distribuir as tarefas. Numa palavra, alguém que tenha nascido para chefe de outros que não o são.

Porque na época das empresas dirigidas verbalmente não existem apenas duas espécies de técnicas — as quais, por falar nisso, divergem de modo cada vez mais definido à medida que se passam os séculos — mas também **duas espécies de homens**, diferenciados pelo fato de seus talentos se encontrarem nesta ou naquela direção. Em todo o processo há uma técnica de direção e uma técnica de execução, de sorte que com não menos evidência existem **homens nascidos para mandar e homens nascidos para obedecer, sujeitos e objetos do processo político e econômico**. Esta é a forma básica da vida humana

que, desde aquela transformação, se foi fazendo cada vez mais variada de aspecto e que só com a própria vida é que podia ser eliminada.

Admitamos que ela seja artificial e contrária à Natureza, mas precisamente isso é que é "Cultura". O destino pode ordenar, e às vezes chega mesmo a fazer isso, que o homem se imagine capaz de a abolir **artificialmente** — mas nem por essa razão deixa isso de ser um **fato**. Governar, decidir, guiar, comandar é uma arte, uma técnica difícil e, como qualquer outra, ela pressupõe um talento inato. Só as crianças é que imaginam que um rei vai para a cama com sua coroa e só os subhomens da cidade-monstro, os marxistas e os literatos, é que têm a mesma idéia com relação aos reis do mundo dos negócios. A empresa é um **labor** e só como resultado desse labor é que se torna possível o trabalho manual. E, igualmente, o descobrir, o refletir, o calcular e o dirigir um novo processo são atividades **criadoras** de algumas cabeças bem dotadas e têm como consequência necessária a atividade executora dos não criadores. Aquí

encontramos uma velha conhecida, agora um pouco fora de moda. Trata-se da questão do gênio e do talento. Gênio ⁽¹⁾ significa — literalmente — poder criador, a faísca divina da vida individual que na torrente das gerações surge súbita e misteriosamente, extingue-se depois para tornar a aparecer uma geração mais tarde, iluminando subitamente toda uma época. O talento é um dom relativo a problemas particulares **já existentes** e que se pode desenvolver por meio da tradição, do ensino, do adestramento e da prática para produzir resultados mais sólidos. O talento para se poder aplicar pressupõe o gênio e não vice-versa.

Finalmente, há uma distinção natural de grau entre os homens nascidos para mandar e os homens nascidos para servir, entre os condutores e os conduzidos **da vida**. A existência dessa distinção é um **fato** manifesto e em épocas sãs e entre povos sãos é reconhecida (embora involuntariamente) por toda a

(1) Vem do latim *genius*, que significa a força fecundante do varão.

gente. Nos séculos de decadência a maioria se esforça por negar ou ignorar êsse fato. Mas justamente êsse contínuo insistir na fórmula de que "todos os homens são iguais" é um sinal de que há aquí alguma coisa que precisa de ser explicada.

A GORA, essa empresa dirigida pela linguagem está condicionada a uma imensa perda de liberdade — a velha liberdade do animal de rapina — **tanto para o dirigente como para o dirigido**. Tornam-se **ambos**, de corpo e alma, membros intelectuais, espirituais de uma unidade maior. A isso chamamos **organização**. É a concentração da vida ativa em formas definidas com o fim de ficar "em forma" para empresas de qualquer índole. Com a ação coletiva dá-se o passo decisivo da existência **orgânica** para a existência **organizada**, da vida em grupos naturais para a vida em grupos artificiais, da horda para o povo, para a tribo, para a classe e para o Estado.

Dos combates entre os carnívoros surgiu a guerra, como uma **empresa** de tribo contra tribo, com seus chefes e seguidores, com suas marchas organizadas, surpresas e ações. Do aniquilamento do vencido emerge a **lei** que se

impõe ao derrotado. A lei humana é sempre a lei do mais forte, com a qual se tem de conformar o mais fraco. Considerada como algo de permanentemente válido entre as tribus, essa lei constitue a "**paz**". Paz semelhante existe também dentro da tribu, com o fim de manter suas forças disponíveis para a ação externa. O Estado é a **ordem interna de um povo para os fins externos**. O Estado é, como forma, como possibilidade, o que a história de um povo é como realidade. Mas a história, tanto a antiga como a de agora, é a história da guerra. A política é apenas um substituto temporário da guerra que usa mais as armas do intellecto. E a parte masculina de uma comunidade é originariamente um sinônimo de **hoste**. O caráter do animal de rapina livre se trasladou, com seu traços essenciais, do indivíduo para o povo organizado, que é o animal que tem uma alma e muitas mãos (1). A técnica do govêrno, da guerra e da diplomacia têm tôdas essa mesma raiz e em todos os tempos revelaram uma profunda afinidade.

(1) E acrescente-se: uma cabeça, não muitas.

Há povos cuja raça forte conservou o caráter do animal de rapina. São povos senhoriais, conquistadores, amantes da luta contra os **homens**. Povos que deixam a guerra econômica contra a Natureza a outros, que a seu tempo êles também submeterão e saquearão. A pirataria é tão antiga como a navegação, a pilhagem nas rotas comerciais é tão velha como o nomadismo; e onde quer que haja camponeses aí haverá também escravidão a uma nobreza guerreira.

Porque com a organização das emprêsas vem a separação dos lados político e econômico da vida, a orientação para o **poder** ou para a **pilhagem**. Encontramos não apenas uma articulação **interna** do povo de acôrdo com as atividades — guerreiros e operários, cabecilhas e camponeses — mas também a organização de tribus inteiras para uma única atividade econômica. Mesmo então deve ter havido tribus de caçadores, criadores e agricultores; aldeias dedicadas à mineração, à cerâmica e à pesca; organizações políticas de marinheiros e traficantes. E, além disso, povos conquistadores **sem** nenhuma ocupação econômica. Quanto mais áspera era a luta

em prol do poder e da pilhagem, tanto mais íntimos e fortes eram os laços da lei e da força que prendiam o indivíduo.

Nas tribus de índole assim primitiva, a vida do indivíduo pouco ou nada importava. Consideremos, pois, que em cada viagem por mar (as sagas da Islândia ilustram bem isso) só uma parte nos navios chegava ao pôrto; que em tôda a grande construção parecia parte não pequena dos operários; e que tribus inteiras morriam de fome em tempos de sêca. Fica claro que a única coisa que interessava era que ficassem indivíduos suficientes para representar o **espírito** do todo. As populações decresceram rapidamente, mas o que se sentiu como aniquilamento foi, não a perda de um ou mesmo de muitos, mas sim a **extinção da organização**, isto é, do **nós**.

Nessa interdependência crescente reside a tranquila e profunda vingança da Natureza sôbre o ser que lhe arrebatou o privilégio da criação. Esse pequeno criador contra a Natureza, êsse revolucionário no mundo da vida, tornou-se o escravo de sua criatura. A Cultura, conjunto das formas artificiais, pessoais e próprias da vida, desenvolve-se até se

transformar numa jaula de barras estreitas para a alma indomável. O animal de rapina, que transformou os outros em seus animais domésticos afim de os explorar, aprisionou-se a si mesmo. O grande símbolo dêsse fato é a **casa** do homem.

Nesta, e em seu crescente número, o indivíduo desaparece, despido de importância. Porque uma das consequências mais fecundas do espírito humano de emprêsa é que a população se multiplica. Onde antigamente um bando de uns poucos milhares vagabundeava, assenta-se agora uma população de dezenas de milhares. ⁽¹⁾ Dificilmente se encontram regiões despovoadas. Os povos são fronteiriços uns dos outros e o simples **fato** da fronteira — o limite do poder de cada um — estimula os velhos instintos do ódio, do ataque e do aniquilamento. A fronteira, seja ela de que espécie fôr, mesmo a fronteira intelectual, é o inimigo mortal do Desejo-de-Poder.

Não é verdade que a técnica humana economize trabalho. Porque o característico essencial da técnica pessoal e modificável

(1) Hoje se **apertam** milhões.

do homem, em contraste com a técnica da espécie, é o de que cada descobrimento contém a possibilidade e a **necessidade** de novos descobrimentos, cada desejo realizado desperta mil outros desejos, cada triunfo sobre a natureza incita ainda a outros muitos. A alma dêsse animal de rapina está sempre famélica, seu desejo nunca se satisfaz. Essa é a maldição que pesa sobre esse tipo de vida mas é também a grandeza inerente de seu destino. A paz, a felicidade, o gozo, são desconhecidos justamente dos exemplares superiores. E nenhum inventor nunca previu exatamente o efeito **prático** de sua ação. Quanto mais frutífero é o trabalho do chefe, maior necessidade tem êle de mãos executoras. Por isso, em vez de matar os prisioneiros das tribus inimigas, os homens começam a escravizá-los, afim de lhes explorar a força corporal. Essa foi a origem da escravidão humana, que portanto deve ser tão antiga como a escravidão de animais domésticos.

Em geral êsses povos e tribus se multiplicam por assim dizer **para baixo**. O que aumenta não é o número de "cabeças", mas sim o de mãos. O grupo de naturezas nascidas

para dirigir **permanece pequeno**. É de-fato o bando das verdadeiras bêstas de rapina, o grupo dos aptos, que dispõe, dum modo ou de outro, sobre o **rebanho** crescente dos demais.

Mas mesmo essa dominação dos poucos se acha muito afastada da antiga liberdade. Dão testemunho disso as palavras de Frederico o Grande: "Sou o primeiro servidor do meu Estado". Daí os esforços desesperados do homem "excepcional" para se conservar interiormente livre. Aquí, e só aquí, começa o **individualismo, que é uma reação contra a psicologia da massa**. É a última rebelião da alma rapace contra o cárcere da Cultura: é a última tentativa de sacudir as **limitações** espirituais e intelectuais produzidas e representadas pelo fato do grande número. Explicam-se, assim, os gêneros de vida que levam o conquistador, o aventureiro, o solitário e mesmo certos tipos de criminosos e boêmios. A desejada fuga da absorção pelo grande número assume várias formas — o domínio dêsse grande número, a fuga dêle ou o desprezo. A idéia de personalidade, em seu sombrio despontar, é um protesto contra o homem da

massa. E a tensão entre ambos cresce cada vez mais até um trágico final.

O ódio, o mais legítimo de todos os sentimentos raciais do animal de rapina, pressupõe o **respeito** pelo adversário. Há nele um reconhecimento de igualdade em categoria espiritual. Mas o animal de rapina **despreza** os seres que estão por baixo. E os seres que estão por baixo são **invejosos**. Todos os contos, todos os mitos divinos, tôdas as lendas heróicas estão cheios desses motivos. A águia odeia apenas os seus iguais, não inveja ninguém, despreza a muitos, ou melhor, a todos. O desprêzo olha das alturas para baixo. A inveja espreita de baixo para cima. Esses são os dois sentimentos **universais históricos** da humanidade organizada em Estado e classes. Seus exemplares pacíficos sacodem, impotentes, as grades da jaula em que estão presos todos **juntos**. Dêsse fato e de suas consequências **nada** os pode livrar. Assim foi e assim há de ser, ou então nada no mundo poderá ser. Esse fato do respeito e do desprêzo tem um sentido. **Alterá-lo** é impossível. O destino do homem está seguindo o seu curso e tem de ser cumprido.

CAPÍTULO V

O ÚLTIMO ATO: ASCENÇÃO E FIM DA CULTURA MECÂNICA

Vikings do intelecto. — Experiência, hipótese de trabalho, perpetuum mobile. — Sentido da máquina, as forças orgânicas da natureza obrigadas a trabalhar. — Indústria, riqueza e poder. — Carvão e população. — Mecanização do mundo. — Sintomas de decadência: diminuição das naturezas diretoras. — A revolta das mãos. — O monopólio perdido da técnica. — O mundo colorido. — O Fim.

A CULTURA da mão armada tomou um largo alento e se apoderou de toda a espécie humana. Nas culturas da linguagem e da empresa — usamos o plural porque são várias e se podem distinguir claramente — a personalidade e a massa começam a ficar em oposição espiritual, e o espírito se torna cada vez mais ávido de poder, aferrando-se à vida com violência. Essas culturas, mesmo em sua plenitude, só compreendiam uma **parte** da humanidade e hoje, ao cabo de uns poucos milênios, estão extintas, tendo sido substituídas por outras. O a que chamamos “povos naturais” e “primitivos” são simplesmente os remanescentes do material vivo, as ruínas de formas dantes animadas, cinzas das quais desapareceu o ardor do vir-a-ser e do perecer.

Nesse solo, a partir de 3.000 anos antes de Cristo até hoje, têm proliferado, aqui e ali, as **Culturas superiores**, Culturas no sentido mais restrito e no mais largo, ocupando cada

uma delas apenas uma pequena porção do espaço da terra e durando cada uma delas um escasso milênio. Esse é o ritmo das catástrofes finais. Cada década tem a sua significação, e cada ano tem quasi a sua "fisionomia" especial. É a história universal no seu sentido mais legítimo e mais exigente. Esse grupo de apaixonados cursos de vida inventou a **cidade** como seu símbolo e seu "mundo", em contraste com a aldeia do período anterior. É a cidade de pedra em que se alberga uma vida absolutamente artificial, que se divorciou da mãe-terra, que se tornou **completamente** antinatural, — a cidade do pensamento sem raízes, a cidade que atrai e consome as torrentes de vida que nasceram da terra.

Na cidade nasce a **sociedade** com sua hierarquia de classes — nobreza, sacerdócio, burguesia — como uma gradação **artificial** da vida ante o "mero" camponês (a natural é a divisão em fortes e fracos, astutos e estúpidos) e como sede de uma evolução cultural totalmente intelectualizada. Na cidade reina o "luxo" e a "riqueza". São conceitos

invejosamente mal compreendidos por aqueles que não os possuem.

Mas que é o luxo senão Cultura na sua forma mais exigente? Olhemos a Atenas de Péricles, a Bagdad de Harum-al-Raschid, o rococó... A Cultura urbana é luxo em tudo e por tudo; luxo em todos os graus e classes, artificial da cabeça aos pés. É um assunto de arte, quer se trate da arte da diplomacia, quer da arte da vida, do adorno, da produção escrita ou do pensamento. Sem riqueza econômica concentrada em umas poucas mãos, não pode haver "riqueza" nas artes, no pensamento, na elegância, para não falar no luxo de ter uma concepção do universo, de pensar teórica em vez de praticamente. O empobrecimento econômico arrasta imediatamente consigo o empobrecimento espiritual e artístico.

E neste sentido os processos técnicos que amadurecem nessas Culturas são também luxos espirituais, frutos tardios, doces e frágeis de uma artificialidade e espiritualização crescentes. Começam com a construção das pirâmides funerárias do Egito e das tôres dos templos sumerianos da Babilônia, surgem es-

sas edificações no terceiro milênio antes de Cristo, lá no extremo Sul, e significam simplesmente a vitória sôbre as **massas** pesadas. Vêm depois as emprêsas das Culturas chinesa, indú, clássica, árabe e mexicana. E agora, no segundo milênio de nossa era, temos no Norte a nossa Cultura fáustica, que representa a vitória do pensamento técnico puro sôbre os **problemas** de vulto.

Porque essas Culturas crescem independentes umas das outras numa sucessão que vai do Sul para o Norte. A Cultura fáustica européica ocidental é **provavelmente** não a última, mas **com tôda a certeza** a mais apaixonada, a mais poderosa, a mais trágica de tôdas. Deve-se isto ao conflito interior entre a sua intelectualidade compreensiva e a sua profunda desharmonia espiritual. É possível que durante o próximo milênio ela seja seguida de algum rebento retardatário — pode surgir, por exemplo, uma Cultura nas planícies entre o Vístula e o Amur. Mas aqui, na nossa própria Cultura, a luta entre a Natureza e o Homem, cujo destino histórico o levou a competir com ela, chega para todos os efeitos a seu término.

As regiões do Norte, com a severidade de suas condições de vida — o frio e a privação contínua — forjaram raças duras, dotadas de intelectos extremamente aguçados e do glacial ardor de uma paixão indomável pela luta, pelo perigo e pelo arremêso. A esse sentimento dei em outro livro o nome de **paixão pela Terceira dimensão**. Esses homens são uma vez mais autênticos animais de rapina cujas almas fortes lutam infrutiferamente por quebrar a superioridade do pensamento, da vida artificialmente organizada, sôbre o sangue, e por colocá-las a seu serviço, elevando ao mesmo tempo o destino da personalidade livre à categoria de **sentido mesmo do mundo**. São dotados de uma vontade-de-poder que zomba de tôdas as limitações de tempo e de espaço e que tem como alvo específico o ilimitado e o infinito; uma vontade-de-poder que submete a si mesma continentes inteiros, envolvendo eventualmente o mundo todo no enredamento de suas formas de comunicação e tráfego e o **transforma** pela força de sua energia prática e pelo gigantesco poder de seus processos técnicos.

No princípio de tôda a Cultura superior

tomam forma as duas ordens primárias, a nobreza e o sacerdócio — os princípios da “sociedade” — destacando-se da vida aldeã do campo aberto. Elas encarnam idéias e, o que é mais, idéias que se excluem umas às outras. O nobre, o guerreiro, o aventureiro, vivem no mundo dos **fatos**; o sacerdote, o sábio, o filósofo vivem no seu mundo de verdades. Uns são (ou sofrem) um **destino**. Os outros pensam em **causalidades**. Aqueles querem pôr o espírito a serviço de suas vidas fortes. Estes desejam pôr sua vida a serviço do intelecto. E até aqui essa oposição jamais assumiu formas mais irreconciliáveis do que na Cultura faustiana, na qual o sangue orgulhoso do animal de rapina se revolta pela última vez contra a tirania do pensamento puro. Do conflito entre as idéias do Império e do Pontificado, nos séculos doze e treze, ao conflito entre as fôrças de uma tradição de boa educação — monarquia, nobreza, exército — e as teorias de um racionalismo, liberalismo e socialismo plebeus, desde a revolução francesa à alemã, a História é uma sequência de esforços em busca da decisão.

ESTA diferença subsiste em tôda sua grandeza no contraste entre os **Vikings do sangue e os Vikings do espírito**, durante a ascensão da Cultura fáustica. Os primeiros, partindo do extremo norte no seu arremêso insaciável rumo do infinito, chegaram à Espanha em 796, ao interior da Rússia em 859, à Islândia em 861. Atingiram também Marrocos nesse mesmo ano e daí alcançaram Provença e os arredores da própria Roma. Em 865, por Kiew, chegaram ao Mar Negro e a Constantinopla. Em 880 entraram no mar Cáspio e em 909 na Pérsia. Estabeleceram-se na Normandia e na Islândia pelo ano de 900, e na Groenlândia lá por 980. Descobriram a América do Norte perto do ano 1000. Em 1029, partindo da Normandia, vão à baixa Itália e à Sicília. Em 1034 saem de Constantinopla e chegam à Grécia e à Ásia Menor e

8 — O. H. T.

em 1066, partindo outra vez da Normandia, conquistam a Inglaterra. (1)

Com a mesma audácia e a mesma fome de poder e de pilhagem, neste caso intelectuais, os monges nórdicos dos séculos treze e quatorze penetram no mundo dos problemas técnico-físicos. Neste caso não há nada da curiosidade ociosa e sem sentido dos sábios chineses, indús, clássicos e árabes. Não há aqui nenhuma especulação teológica, nenhuma busca contemplativa de uma imagem daquilo que se não pode conhecer. Certo, **tôda** a teoria científica é um **mito** que o entendimento cria sôbre as fôrças da Natureza. E tôda a teoria depende completamente da religião à qual pertence. Mas na Cultura Fáustica, e só na fáustica, tôda a teoria, desde o princípio, é uma **hipótese de trabalho**. Uma hipótese de trabalho não precisa ser "correta"; o que se lhe exige é apenas que seja prática. Ela se propõe, não abarcar e revelar os segredos do mundo, mas sim fazê-los servir determinados fins. Daí o avan-

(1) K. T. Strasser: *Wikinger und Normannen*, 1928 (Vikings e normandos).

ço dos métodos **matemáticos**, que devemos aos ingleses Grosseteste (nascido em 1175) e Roger Bacon (nascido em 1210) e aos alemães Albertus Magnus (1193) e Witelmo (1220). Daí, também, a **experimentação**, a "**Scientia experimentalis**" de Bacon, que é a interrogação da Natureza submetida a aparelhos de tortura, ao pé-de-cabra, ao torniquete; o "experimentum enim solum certificat", como escreve Albertus Magnus. É o estratagema intelectual das aves de rapina. Imaginavam êles que seu desejo era "conhecer Deus" e no entanto eram as fôrças inorgânicas da Natureza — a energia invisível manifestada em tudo quanto acontece — o que êles lutavam por isolar, apanhar e tornar utilizável. Essa ciência fáustica, e só ela, é **Dinâmica**, em contraste com a estática dos gregos e a alquimia dos árabes. Não se trata de matéria, mas sim de fôrça. A própria massa é uma função da energia. Grosseteste desenvolveu a teoria do espaço como uma função da luz e Petrus Peregrinus estabeleceu uma teoria do magnetismo. A teoria copernicana do movimento da terra ao redor do sol foi antecipada num manuscrito de 1322 e

formulada — com mais clareza e profundidade do que pelo próprio Copérnico — por Oresme, que também antecipou a lei de Galileu sobre a queda dos corpos e a geometria cartesiana das coordenadas. Considera-se Deus não mais como o Senhor que governa o mundo de Seu trono, mas como uma força infinita (já imaginada como quasi impessoal) que está onipresente no universo. Era uma forma singular da adoração divina, essa investigação dos monges piedosos em torno das forças secretas. E, como dizia um velho místico alemão, “ao servires tu a Deus, Deus te serve a ti.”

O homem estava evidentemente cansado de ter a seu serviço apenas as plantas, os animais e os escravos, de roubar à natureza seus tesouros de metal e pedra, madeira e matérias têxteis, de reter-lhe as águas em canais e poços, de vencer-lhe as resistências por meio de barcos, estradas, pontes, túneis e represas. Agora êle tencionava não apenas saquear-lhe os materiais, mas **escravizar e submeter a seu jugo tôdas as suas forças**, para dêsse modo multiplicar sua própria força. Essa idéia monstruosa e sem igual é tão antiga como a

própria Cultura Fáustica. Já no século X encontramos construções técnicas de uma espécie completamente nova. Robert Bacon e Albertus Magnus meditavam sobre a máquina a vapor, o barco a vapor e os aparelhos voadores. E muito monge andava a lidar em sua cela com a idéia do **moto-contínuo**.

Daí por diante esta última idéia nunca mais os abandona. Porque o sucesso nesse terreno significaria a vitória final sobre “Deus ou a Natureza” (**Deus sive Natura**), um pequeno mundo de nossa própria criação a se mover como o grande mundo, em virtude de suas forças próprias e a obedecer apenas à mão do homem. Construir um mundo, ser Deus — eis o sonho dos inventores fáusticos. Dêle surgiram todos os nossos projetos de máquinas que se aproximavam o mais possível do fim inacessível do **perpetuum mobile**. O conceito de presa do animal de rapina foi levado até o seu fim lógico. Não se trata deste ou daquele pedaço de mundo, como quando Prometeu roubou o fogo, mas sim do próprio mundo, completo com o seu segrêdo de força que é considerado como um despôjo, e como presa incorporado à nossa Cultura. Mas

os que não estavam possuídos dessa vontade-de-poder sôbre tôda a natureza haviam de sentir tudo isso necessariamente como algo de **diabólico**. E, de-fato, os homens sempre olharam as máquinas como invenções do diabo. Com Roger Bacon começa a longa série de cientistas que foram considerados mágicos e hereges.

Mas a história da técnica da Europa ocidental seguia para a frente. Lá por 1500, com Vasco da Gama e Colombo, começa uma nova aventura de Vikings. Novos reinos são criados ou conquistados nas Índias Orientais ou Ocidentais, e uma corrente de sangue nórdico se derrama na América ⁽¹⁾, onde antigamente os navegadores da Islândia em vão haviam desembarcado. Ao mesmo tempo as viagens dos Vikings do intelecto continuaram em grande escala. A pólvora e a imprensa foram descobertas. De Copérnico e Galileu para diante, os processos técnicos se sucede-

(1) Porque os que emigraram da Espanha, Portugal e França foram, seguramente em sua maior parte, descendentes dos conquistadores da época das invasões bárbaras. O que restava era a massa humana que havia perdurado através de celtas, romanos e sarracenos.

ram inumeráveis, todos com o mesmo propósito de extrair as forças inorgânicas do mundo circundante, levando-as a fazer os trabalhos em lugar dos homens e dos animais.

Com o crescimento das cidades, a técnica se tornou **burguesa**. O sucessor desses monges góticos foi o inventor leigo e culto, o **sacerdote perito da máquina**. Finalmente, com o advento do racionalismo, a crença na técnica quasi se transforma numa religião materialista. A técnica é eterna e imortal, como Deus Pai, e salva a Humanidade como o Filho de Deus; ilumina-a como o Espírito Santo. Seu adorador é o filisteu moderno do progresso, desde Lamettrie até Lenine.

Na realidade a paixão do inventor **nada** tem a ver, **seja o que fôr**, com suas consequências. Ela é o motivo **pessoal** de sua vida, sua alegria e tristeza **pessoais**. O inventor quer gozar seu triunfo sôbre os problemas difíceis, a riqueza e a fama que a vitória lhe traz. Seja a sua invenção útil ou fatal, criadora ou destruidora, isso pouco se lhe dá. Mas ninguém está em situação de saber disso de antemão. Ninguém pode prever os efeitos de uma "realização técnica da humanidade" e, por falar

nisso, a "humanidade" nunca inventou coisa alguma. Os descobrimentos da química, como o do anil sintético e o da borracha artificial, transtornam as condições de vida de países inteiros. A transmissão de força elétrica e o descobrimento da possibilidade de tirar energia da água desvalorizaram as velhas regiões carboníferas da Europa, **com toda a sua população**. Considerações desta natureza levaram alguma vez algum inventor a suprimir sua invenção? Quem quer que imagine isso pouco conhece da natureza rapace do homem. Todas as grande descobertas e invenções surgem do deleite que os homens fortes encontram na **vitória**. São expressões da personalidade e não do pensamento utilitário das massas, que não passam de meros espectadores do acontecimento, mas que devem sofrer suas consequências, sejam elas quais forem.

E essas consequências são imensas. O pequeno bando de homens que nasceram para comandar, os empreendedores e os inventores, forçam a Natureza a fazer um trabalho que se mede em milhões e milhares de milhões de cavalos-vapor, e em face disso o **quantum** de energia física humana é tão pe-

queno que nem pode ser levado em conta. Entendemos os segredos da Natureza tão pouco como sempre, mas conhecemos, sim, a hipótese de trabalho — não "verdadeira" mas simplesmente apropriada — que nos capacita a forçá-la a **obedecer** ao comando que o homem exprime ao mais leve toque de um botão ou de uma alavanca. A marcha dos descobrimentos se acelera fantasticamente e — deve-se repetir — nem porisso se poupa o trabalho humano. O número de mãos necessárias cresce com o número de máquinas, uma vez que o luxo técnico ultrapassa todas as outras espécies de luxo ⁽¹⁾ e a nossa vida artificial se torna cada vez mais artificial.

Desde a invenção da máquina, a mais sutil de todas as armas possíveis contra a Natureza, os empreendedores e inventores têm aplicado à sua construção essencialmente o número de braços de que necessitam. O **trabalho** da máquina é realizado pela força inorgânica — pela pressão do vapor ou gás, pela

(1) Comparem-se as condições de vida das classes operárias de 1700 com as de 1900 e o modo geral de vida dos trabalhadores da cidade com relação ao dos trabalhadores da terra.

eletricidade, pelo calor — que se obtém do carvão, do petróleo e da água. Mas esta diferença acentuou perigosamente a tensão espiritual entre os condutores e os conduzidos. Eles já não se entendem mais. As mais remotas “empresas” nos milênios pre-cristãos exigiam a cooperação **inteligente** de todos os interessados que tinham de saber e sentir do que se tratava. Havia nelas, portanto, uma espécie de camaradagem um tanto parecida com a que vemos hoje nos esportes. Mas mesmo ao tempo das grandes construções da Babilônia e do Egito esse não deve ter sido o caso. Os trabalhadores individuais não compreendiam o objeto nem o propósito da empresa como um todo, ao qual eles eram indiferentes ou talvez hostis. O “trabalho” era uma **maldição** como na história bíblica do Jardim do Eden. E agora, desde o século dezoito, “mãos” inumeráveis trabalham em coisas cuja função efetiva na vida (inclusive na vida deles mesmos) lhes é inteiramente desconhecida e em cujos êxitos os donos dessas mãos não têm a menor participação interior. Uma nudez espiritual se estabelece e se alastra, uma uniformidade enregeladora sem pê-

so nem profundidade. Desperta uma amargura contra a vida que levam os que nasceram **dotados** e com capacidade **criadora**. Os homens já não vêm mais nem mais compreendem que o trabalho dos chefes é o trabalho **mais duro** e que sua própria vida **depende** do sucesso dêle. Sentem simplesmente que esse trabalho está fazendo os seus **realizadores** felizes, enchendo-lhes e enriquecendo-lhes a alma. E é porisso mesmo que eles os odeiam.

NA realidade, entretanto, nem as cabeças nem as mãos podem alterar de qualquer modo o destino da técnica maquinista, porque esta se desenvolveu pelas necessidades internas e espirituais e agora amadurece a caminho de sua plenitude e de seu termo. Encontramo-nos hoje numa culminância, no ponto em que começa o quinto ato. Sobrevêm as últimas decisões. A tragédia está a finalizar.

Tôda a Cultura superior é uma tragédia. A história da humanidade **como um todo** é trágica. Mas o sacrilégio e a catástrofe do homem fáustico são maiores que tôdas as outras, maiores que tudo quanto Ésquilo e Shakespeare jamais imaginaram. A criatura se está erguendo contra o seu criador. Assim como dantes o Homem do microcosmo se alçava contra a Natureza, agora a Máquina do microcosmo se revolta contra o Homem Nórdico. O senhor do Mundo se está transfor-

mando no escravo da Máquina, que o está forçando — forçando a todos nós, quer percebamos isso quer não — a seguir o seu curso. Os cavalos arrastam para a morte o vitorioso cujo corpo se espedaça.

Em princípios do século vinte, o aspecto do “mundo” neste pequeno planeta oferece o espetáculo de um grupo de nações de sangue nórdico dirigidas pelos ingleses, alemães, franceses a dominar a situação. Seu poderio político depende de sua **riqueza** e sua riqueza consiste em sua **fôrça industrial**. Esta, porém, se acha por sua vez condicionada à existência do carvão. Os povos germânicos em particular estão garantidos pelo que é quasi um monopólio das regiões carboníferas conhecidas e essa circunstância levou a uma multiplicação de populações sem paralelo em tôda a história. Nas zonas carboníferas e nos centros das linhas de comunicação que dali se irradiam, acha-se reunida uma massa humana de tamanho monstruoso, disciplinada pela técnica maquinista, trabalhando para ela e vivendo dela. Aos outros povos — já como colônias ou estados nominalmente independentes — está destinado o papel de for-

necer a matéria prima e receber os produtos. Essa distribuição de funções é garantida por exércitos e armadas, cuja manutenção supõe uma riqueza industrial. Essas fôrças, como consequência de sua educação técnica, se converteram também em verdadeiras máquinas que trabalham a um sinal dado. Mais uma vez se revela a profunda relação e quasi identidade que existe entre a política, a guerra e a economia. O grau de poder militar depende da **intensidade** da indústria. Países industrialmente pobres são pobres em geral; não podem portanto manter um exército ou financiar uma guerra; são por conseguinte politicamente impotentes, e os trabalhadores, tanto os dirigentes como os dirigidos, são como "peñhores" na política econômica de seus adversários.

Em comparação com as massas de mãos executoras — que formam a única parte do quadro que descontentes examinarão — o **valor crescente** do trabalho diretor das poucas cabeças criadoras (empresários, organizadores, descobridores, engenheiros) já não é mais compreendido nem valorizado. Isso acontece menos na América, nação prática,

mas, em compensação, mais na Alemanha, "a terra de poetas e pensadores". A frase imbecil "as rodas tôdas se imobilizariam se teu poderoso braço assim quisesse" obnubila os cérebros de escribas e discursadores. Qualquer carneiro que caísse no meio dum mecanismo seria capaz de fazer isso. Mas inventar essas rodas e pô-las a funcionar afim de dar sustento a êsse "poderoso braço", é alguma coisa que só pode ser feita por uns poucos **nascidos** para isso. Êsses condutores incompreendidos e odiados, êsse "punhado" de personalidades fortes, têm uma psicologia diferente. Não perderam a velha sensação de triunfo do animal de rapina que aferra as garras na vítima palpitante, a sensação de Colombo quando viu terra no horizonte, a sensação de Moltke em Sedan ao ver fechar-se o círculo de suas baterias em Illy, rematando a vitória. Momentos como êsses, cumeis tais da experiência humana, goza também o armador quando um enorme transatlântico é lançado ao mar, e o inventor, quando sua máquina começa a trabalhar à maravilha, ou quando o primeiro Zeppelin se ergue do solo.

Mas a tragédia da época é que êsse pen-

samento humano desencadeado já não mais possa apreender as próprias consequências. A técnica se tornou tão esotérica quanto a matemática superior que ela emprega, ao passo que a teoria física refinou suas abstrações intelectuais de fenômenos a tais culminâncias, que (sem perceber claramente êsse fato) chegou às formas fundamentais puras do conhecimento humano. **A mecanização do mundo** entrou numa fase de hipertensão altamente perigosa. A imagem da terra, com suas plantas, animais e homens, se modificou. Dentro de poucos decênios haverão desaparecido as grandes selvas, transformadas em papel de jornal; e se terão produzido mudanças de clima que ameaçarão a agricultura de populações inteiras. Inumeráveis espécies animais se extinguem quasi por completo, como o bisonte; raças humanas inteiras chegaram quasi ao ponto de extinção, como os pele-vermelhas da América e os índios da Austrália.

Tôdas as coisas orgânicas estão sucumbindo à organização. Um mundo artificial está impregnando e envenenando o natural. A própria Civilização se tornou uma máquina que faz, ou procura fazer, tudo de maneira

mecânica. Hoje só pensamos em cavalo-vapor. Não podemos olhar para uma queda-d'água sem transformá-la mentalmente em força elétrica; não podemos contemplar um campo cheio de rebanhos a pastar sem pensar em sua exploração como fonte de fornecimento de carne; não podemos mais encarar o belo ofício antigo de um povo primitivo e sadio sem querer substituí-lo por um processo técnico moderno. Nosso pensamento técnico **quer** realizar-se, com sentido ou sem êle. O luxo da máquina é a consequência de uma necessidade de pensamento. Em última análise, a máquina é um **símbolo**, como o seu secreto ideal, o movimento perpétuo — uma necessidade espiritual e intelectual, mas não vital.

Começa já a contradizer-se em muitos pontos a prática científica. Já seu divórcio está sendo anunciado por tôda a parte. A máquina, por sua multiplicação e por seu refinamento está traindo sua própria finalidade. O automóvel nas grandes cidades anulou por sua massa o efeito que queria conseguir; e vai-se mais depressa aos lugares a pé. Na Argentina, em Java e em tôda a par-

te o simples arado puxado a cavalo do pequeno lavrador se tem revelado economicamente superior ao grande trator, e está tomando o lugar dêste. Já em muitas regiões tropicais o negro ou o pardo, com seus meios primitivos de trabalho, é competidor perigoso para a moderna técnica de plantação do branco. O trabalhador branco da velha Europa e da América do Norte se está tornando incomodamente perguntador com relação a seu trabalho.

É tolice falar, é claro, como era moda fazer-se no século dezenove, na exaustão iminente dos campos carboníferos dentro dos próximos séculos e das consequências disso. Neste ponto também o século materialista não podia pensar doutro modo senão à maneira materialista. Independentemente da economia real de carvão pela substituição do petróleo e da hulha branca, o pensamento técnico conseguiria descobrir logo outras e mui diferentes fontes de fôrça. Mas não devemos entrar tanto futuro a dentro nessas cogitações. Porque a técnica americana e euro-ocidental por êsse tempo **já terá chegado a seu termo.** Uma circunstância mesqui-

nha como a falta de matérias não poderia de modo algum deter essa evolução poderosa. Enquanto o pensamento que trabalha dentro dela permanecer nas alturas, êle saberá sempre criar os meios necessários a seus fins.

Mas **por quanto tempo** ficará êle nessa culminância? Se quisermos manter, nem que seja no nível atual, os nossos métodos e instalações técnicas, precisaremos de, vamos dizer, cem mil cabeças invulgares: organizadores, inventores, engenheiros. Têm de ser talentos fortes e, além disso, criadores, cheios de entusiasmo pela sua causa e formados durante anos com acurado esforço e grandes gastos. Na realidade, há cinquenta anos que a maior parte dos fortes talentos juvenís dos povos brancos sentem uma inclinação predominante para essa vocação. Até mesmo as crianças brincam com coisas técnicas. Nas classes urbanas e nas famílias, cujos filhos são os que a êsse respeito devem ser levados em consideração, existe já uma tradição de conforto e cultura, de sorte que as condições prévias normais já são propiciadoras dêsse produto outonal, o pensamento técnico.

Mas tudo isso está mudando nas últimas

décadas, em todos os países onde a indústria em larga escala já é antiga. O pensamento fáustico começa a se enfiar nas máquinas. Está se espalhando um cansaço, uma espécie de pacifismo na luta contra a Natureza. Os homens estão voltando a formas de vida mais simples e mais próximas da Natureza; passam o tempo nos esportes em vez de nas experiências técnicas. As grandes cidades se lhes estão tornando odiosas, e eles aspiram sacudir o jugo das atividades sem alma e fugir à fria atmosfera da organização técnica. E são precisamente os talentos fortes e criadores que procuram desviar-se dos problemas e das ciências práticas para se dedicar à pura especulação. O ocultismo, o espiritualismo, as filosofias indús, as cogitações metafísicas de colorido cristão ou pagão, — tudo que foi desprezado no período darwiniano está resuscitando. É o espírito da Roma da época de Augusto. Enfartados da vida, os homens fogem da civilização e se refugiam nas partes mais primitivas da terra, em vagabundagens, no suicídio. **Os dirigentes natos começam a fugir da Máquina.** Cada grande empresário tem ocasião de observar uma diminuição das

qualidades espirituais de seus descendentes. Mas o grande desenvolvimento técnico do século dezenove só fôra possível porque o nível intelectual estava ficando cada vez mais alto. Não só a diminuição, como também o estacionamento, é um perigo e um sinal de fim, por mais numerosas e bem preparadas que sejam as mãos prontas para o trabalho.

E que é que se passa com elas? A tensão entre o trabalho de direção e o trabalho de execução atingiu um nível de catástrofe. A importância daquele, o valor econômico de cada personalidade real que nele existe, tornou-se tão grande que já não é visível nem compreensível para a maior parte dos que se acham por baixo. No que diz respeito às mãos que executam, o indivíduo agora não tem importância. O que importa é apenas a quantidade. O conhecimento dêsse estado de coisas inalterável, conhecimento agravado, envenenado e financeiramente explorado por jornalistas e oradores egoístas, é tão desconsolador que a simples natureza humana se revolta contra o papel que a máquina (e não, como eles imaginam, os seus donos) confere à maior parte deles. Aquí começa, em suas

formas inumeráveis — desde a sabotagem, por meio da greve, até o suicídio — a **revolta das Mãos contra o seu destino**, contra a máquina, contra a vida organizada, contra tudo e contra todos. A organização do trabalho, tal como existiu por milhares de anos, baseada na idéia da “ação coletiva”, e a consequente divisão de trabalho entre condutores e conduzidos, cabeças e mãos, está sendo desfeita a começar por baixo. Mas a “massa” não é mais do que uma negação (especificamente, uma negação do conceito de organização) e não qualquer coisa capaz de viver por si mesma. Um exército sem oficiais não passa de um rebanho de homens supérfluos e desorientados (1). Um caos de tijolos e ferros velhos já não é mais um edifício. Essa revolta em toda a terra ameaça pôr termo à **possibilidade** do trabalho econômico técnico. Os diretores podem fugir, mas os dirigidos, já inúteis, estarão perdidos. Seu número significa morte.

O terceiro e mais sério sintoma da der-

(1) Outra coisa não faz o governo soviético nos últimos quinze anos senão restaurar, sob novos nomes, as organizações políticas, militares e econômicas que destruíra.

rocada que está começando reside, entretanto, no que posso classificar como **traição à técnica**. Trata-se de coisas que toda a gente conhece, mas que nunca foram vistas na sua inteireza, e cujo sentido fatal consequentemente nunca se manifestou. A imensa superioridade que a Europa Ocidental e a América do Norte gozaram, na segunda metade do século dezanove, no que se refere à força de todas as espécies — econômica, política, militar e financeira — estava baseada num incontestado **monopólio** da indústria. Grandes indústrias só eram possíveis em estreita conexão com os campos carboníferos desses países nórdicos. O papel do resto do mundo era o de absorver o produto e a política colonial foi sempre, com propósitos práticos, dirigida no sentido do descobrimento de novos mercados e novas fontes de matérias primas, e não do desenvolvimento de novas áreas de produção. Havia carvão em outras partes, está claro, mas só os engenheiros brancos é que teriam podido descobri-lo. Achamo-nos na posse única não só do material como também dos métodos e dos cérebros capazes de dar-lhe aplicação. Isso constitui a base da vida luxuosa

do trabalhador branco — **cujo rendimento, em comparação com o do “nativo”** ⁽¹⁾ **é principesco.** Esta circunstância foi mal explorada pelo Marxismo, para seu próprio prejuízo. Ela se vinga em nós hoje, porque daqui por diante a evolução vai ser complicada pelo problema da falta de trabalho. O nível alto de salário do operário branco, que hoje em dia é um perigo para sua própria vida, repousa no monopólio que os chefes da indústria haviam estabelecido ao redor dêsse operário. ⁽²⁾

E então, ao finalizar o século passado, a cega vontade-de-poder começou a cometer seus erros decisivos. Em vez de manter em segredo o conhecimento técnico que constituía o seu maior tesouro, os povos “brancos” ofereceram-no complacientemente a todo o mundo, em tôdas as escolas superiores, verbalmente ou por escrito, aceitando com delícia a embasbacada homenagem dos indús e

⁽¹⁾ Incluo entre os nativos os habitantes da Rússia e de uma parte da Europa meridional.

⁽²⁾ Sem precisar ir mais longe: a tensão que existe em matéria de salário entre o trabalhador da terra e o operário metalúrgico.

dos japoneses. Inicia-se a conhecida “disseminação da indústria”, motivada pela idéia de obter maiores lucros, levando a produção aos consumidores. E assim, em vez da exportação de produtos acabados, começam a ser exportados os segredos, processos, métodos, engenheiros e organizadores. Até mesmo os inventores emigram, porque o Socialismo, que, se quisesse, os poderia submeter, prefere em vez disso expulsá-los. E assim os “nativos” hoje penetraram nos nossos segredos, compreenderam-nos e usaram-nos plenamente. No espaço de trinta anos os japoneses se transformaram em técnicos de primeira água, e em sua guerra contra a Rússia revelaram uma superioridade técnica que ia além do que seus professores lhes haviam ensinado. Hoje em dia, mais ou menos por tôdas as partes — no Extremo Oriente, na Índia, na América do Sul e na África do Sul — as regiões industriais já existem ou começam a existir. E, como pagam salários baixos, fazem à nossa indústria uma concorrência de morte. Os insubstituíveis privilégios das raças brancas foram jogados fora, gastos e atraçoados. As outras raças subiram ao mesmo nível de seus

instrutores. E, por uma combinação da astúcia "nativa" com a inteligência ultra-amadurecida das suas civilizações antigas, possivelmente os sobrepujaram. Onde quer que exista carvão, petróleo ou energia hidráulica, pode ser forjada uma nova arma contra o coração da Civilização Fáustica. O mundo explorado está começando a se vingar de seus senhores. As mãos inumeráveis das raças de côm — que são pelo menos tão dexas como as das raças brancas e muito menos exigentes que elas — hão de sacudir a base da organização econômica dos brancos. O luxo **habitual** do operário branco, comparado com o do **coolie**, será a sua condenação. O próprio trabalho do branco está se fazendo desnecessário. As enormes massas de homens concentradas nas regiões carboníferas do Norte, as instalações da indústria, o capital nelas empregado, cidades e distritos inteiros se encontram em face da possibilidade de sucumbir na competição. O centro de gravidade da produção está se afastando incoercivelmente deles, especialmente desde que o respeito das raças de côm pelo branco terminou com a Grande Guerra. **Esta** é a base real e final da

falta de trabalho que se verifica nos países brancos. Não é uma simples crise, **mas o princípio de uma catástrofe.**

Para os homens "de côm" (os russos ficam incluídos neste conceito) a técnica fáustica não é já uma necessidade interior. É só o homem fáustico que pensa, sente e **vive** dessa forma. Para êle se trata duma necessidade **espíritual**, não por causa de suas consequências econômicas, mas por causa de suas **vitórias. Navigare necesse est, vivere non est necesse.** Para as raças de côm, ao contrário, a técnica não é mais que uma arma na luta contra a civilização fáustica. Essa técnica maquinista acabará com a civilização fáustica e um dia cairá por terra em pedaços, **esquecida** — as nossas estradas de ferro e vapores tão mortos como os caminhos de Roma e como a muralha da China; nossas cidades e arranha-céus gigantescos feitos ruínas como as antigas Menfis ou Babilônia. A história desta técnica está chegando rapidamente a seu final. Acha-se carcomida por dentro, como as grandes formas de tôda e qualquer Cultura. Quando e de que maneira acabará, não sabemos.

Em face, pois, dêsse destino, há apenas uma concepção do Universo digna de nós: a já citada a propósito da escolha de Aquiles, que preferiu uma vida curta, cheia de feitos e de glória, a uma vida longa sem conteúdo. O perigo é já tão grande para cada indivíduo, cada classe e cada povo, que é deplorável alimentar qualquer ilusão, seja ela qual fôr. O tempo não se pode deter; já não é questão de uma retirada prudente ou de uma renúncia cautelosa. Só os sonhadores é que acreditam em que haja uma saída. O otimismo é **covardia**.

Nascemos neste tempo e devemos seguir corajosamente o caminho até o final. Não há outro rumo. Nosso dever é permanecer sem esperança no pôsto perdido e sem salvação, como aquele soldado romano cujos ossos foram encontrados à frente de uma porta de Pompéia e que, durante a erupção do Vesúvio, morreu no seu pôsto porque se esqueceram de vir rendê-lo. Isso é grandeza. Isso significa ter raça. Esse honroso fim é a única coisa que **não** pode ser tirada ao homem.

Napoleão Bonaparte:

**MEMÓRIAS
DE SANTA HELENA**

Um precioso documento hu-
mano e histórico.

Cartas, escritos e opiniões do
grande Imperador, reunidos em
voluma pela primeira vez em
língua portuguesa.

Índice da obra:

- I— De Rochefort a Santa Helena.
- II— Juízos literários (Hemero, Virgílio, Racine etc.)
- III— Retratos de soldados (Opiniões sobre os grandes capitães, e sobre Desaix, Kléber, Soult e Wellington.)
- IV— Retratos de Políticos (Talleyrand, Pitt, Cornwallis e Fox)*
- V— Opiniões sobre a política e a guerra.
- VI— Napoleão moralista.
- VII— Napoleão educador.
- VIII— Napoleão economista.
- IX— Napoleão administrador.
- X— Recordações e aneddotas.
- XI— Assuntos diversos (fatalismo, o acaso, a medicina, a música.)
- XII— As palavras supremas.

EDIÇÕES MERIDIANAS